



*Márcia Isabel Pereira Oliveira*

## **DESEMPREGO: A REALIDADE DAQUELES QUE O VIVEM**

**DISSERTAÇÃO DE Mestrado**  
Mestrado Integrado em Psicologia  
2011



**Universidade do Porto**  
**Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação**

**DESEMPREGO: A REALIDADE DAQUELES QUE O VIVEM**

**Márcia Isabel Pereira Oliveira**

Junho, 2011

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Ramo de Psicologia das Organizações, Social e do Trabalho, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (F.P.C.E.U.P.), orientada pela Professora Doutora *Isabel Freitas*.

## RESUMO

Considerando o contínuo aumento do desemprego, torna-se importante compreender o modo como os indivíduos vivem as situações de *desemprego* e os períodos de transição entre emprego e *desemprego*. O objectivo desta dissertação é identificar os tipos de *desemprego* e desempregado e compreender como é que o desempregado entende o seu percurso profissional.

A investigação baseia-se na análise qualitativa, a partir do uso de um guião de entrevista semi-estruturada e da análise dos portefólios reflexivos de aprendizagem dos participantes. A pesquisa empírica ocorreu no Centro de Novas Oportunidades de Alfena, onde foram entrevistados 15 participantes que se encontram na situação de *desemprego* com idades compreendidas entre os 35 e 59 anos.

Os resultados demonstram que o modo como o indivíduo experiencia as suas condições de emprego, determina o tipo de sentimentos quando este o perde. Verifica-se também que as consequências da perda de emprego podem estar relacionadas com as funções que o indivíduo atribui ao trabalho. Factores como reestruturações das empresas, precariedade do trabalho, condições de trabalho, dificuldades económicas das empresas e da competitividade do mercado, contribuem, segundo os participantes, para o aumento do *desemprego*. De acordo com os participantes, a idade e as qualificações são os factores principais que impedem ou dificultam o acesso a um novo emprego. Neste estudo foi ainda possível identificar estratégias de procura de emprego, trabalho informal e mediadores de compensação que os indivíduos utilizam de modo a compensar os efeitos do *desemprego*.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Desemprego*, Funções do trabalho, Consequências, Estratégias de procura de emprego, Trabalho Informal, Mediadores de Compensação.

## ABSTRACT

Considering the continuous increase of the unemployment, it is important to understand how individuals live situations of unemployment and the transition periods between employment and unemployment. The aim of this dissertation is to identify the types of unemployment and unemployed and understand how the unemployed person understands his professional career.

The research is based on qualitative analysis, from the use of a plot of semi-structured interviews and analysis of reflective learning portfolios of participants. The empirical research took place at the Center of New Opportunities of Alfena where 15 participants who were interviewed are the unemployed aged between 35 and 59 years old.

The results show that the way individuals experience their conditions of employment, determines the type of feelings when he lose the job. Similarly, also the consequences of job loss may be related to the functions that the individual places on work. Factors such as business restructuring, job insecurity, working conditions, financial difficulties of enterprises and the competitiveness of the market, were the causes of loss of employment mentioned by participants. According to participants, age and qualifications are the main factors that prevent or hinder access to a new job. This study also can identify strategies for seeking employment, informal employment and compensation of mediators that individuals use to compensate the effects of unemployment.

**KEYWORDS:** Unemployment, job functions, consequences, job search strategies, Informal Labor, Compensation Mediators.

## RÉSUMÉ

Compte tenu de la hausse continue du chômage, il est important de comprendre comment les individus vivent des situations de chômage et les périodes de transition entre emploi et chômage. L'objectif de cette thèse est d'identifier les types de chômage et de chômeurs et comprendre comment les chômeurs comprennent votre cheminement de carrière.

La recherche est basée sur l'analyse qualitative, l'utilisation d'une parcelle de entrevues semi-structurés et l'analyse des portefeuilles de réflexion d'apprentissage des participants. La recherche empirique a eu lieu au Centre pour l'Egalité des nouveaux Alfena, où 15 participants qui ont été interrogés sont des chômeurs entre 35 et 59 ans.

Les résultats montrent que la façon dont les individus vivent leur conditions d'emploi, détermine le type de sentiments quand il perd. De même, aussi les conséquences de la perte d'emploi peut être liée à des fonctions que les places individuelles sur le travail. Des facteurs tels que la restructuration des entreprises, l'insécurité d'emploi, conditions de travail, les difficultés financières des entreprises et la compétitivité du marché, ont été les causes de la perte d'un emploi mentionnées par les participants. Selon les participants, l'âge et les qualifications sont les principaux facteurs qui empêchent ou entravent l'accès à un nouvel emploi. Cette étude peut également identifier des stratégies de recherche d'emploi, l'emploi informel et les médiateurs de compensation que les individus utilisent pour compenser les effets du chômage.

**MOTS-CLÉ:** Le chômage, les fonctions d'emplois, les conséquences, les stratégies de recherche d'emploi, le travail informel, les médiateurs de compensation.

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, professora Doutora Isabel Freitas, um agradecimento muito especial pelo incentivo e confiança, pelo apoio científico, pelo seu pensamento, que me orientou e inspirou.

À Dr. Adriana, directora do centro e Dr. Catarina Carvalho, coordenadora do centro de Novas Oportunidades de Alfena, um agradecimento pela cooperação, amabilidade e partilha de reflexões.

A todos os adultos entrevistados, um agradecimento pela colaboração, disponibilidade e partilha das suas experiências de vida.

Aos meus colegas e amigos agradeço todo o apoio e incentivo.

À Elisabete por toda a paciência, palavras de apoio e motivação.

Aos meus familiares, um agradecimento muito especial.

Aos meus pais, por todo o carinho e apoio incondicional.

Ao Ricardo por toda a paciência, amor e compreensão e por todo o apoio.

<b>Resumo</b> .....	I
<b>Abstract</b> .....	II
<b>Resumè</b> .....	III
<b>Agradecimentos</b> .....	IV
<b>Índice</b> .....	V
<b>Introdução</b> .....	1
<b>Capítulo I – Contextualização e conceptualização teórica da problemática</b>	
1. O <i>Desemprego</i> em Portugal .....	3
1.1. Conceito .....	3
1.2. Dados .....	4
1.3. Causas .....	5
2. O trabalho como factor de inclusão e/ou exclusão social e o desemprego como factor de exclusão social .....	8
2.1. O trabalho, factor de inclusão social? .....	8
2.2. O desemprego, factor de exclusão social?.....	11
2.3. Trabalho Informal .....	12
3. Transformações no modo de vida do Desempregado .....	15
3.1. Fases do Desemprego .....	15
3.2. Tipos de Desemprego .....	18
3.3. Mediadores de Compensação .....	20
<b>Capítulo II – Metodologia</b>	
Objectivos da investigação .....	24
Hipóteses e questões de investigação .....	24
Fases da Recolha de dados .....	27
Instrumentos .....	29
Caracterização da amostra .....	30
Tratamento de dados .....	30
<b>Capítulo III – Resultados</b>	
Apresentação e Discussão dos Resultados .....	33
<b>Capítulo IV – Conclusões e Reflexões Finais</b> .....	48
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	51
<b>Anexos</b>	

## INTRODUÇÃO

Hoje em dia, toda a gente ouve falar do tema *desemprego* pelos mais variados motivos, ora porque ouve nas notícias que a taxa de *desemprego* em Portugal continua a aumentar, ora porque tem algum familiar ou conhecido que se encontra nesta situação. Considerando que actualmente se vive uma crise económica, o *desemprego* está presente nas conversas e nas vidas dos Portugueses. Por este motivo, e pelo facto de cada vez mais as famílias portuguesas vivenciarem esta nova realidade decidiu-se definir o *desemprego* como o tema principal deste estudo.

Tendo em consideração o aumento crescente do número de desempregados ocupa na sociedade Portuguesa, foram definidos dois grandes objectivos neste estudo. O primeiro consiste numa tentativa de caracterização dos vários tipos de *desemprego* e *desempregado* e o segundo prende-se com a descrição do modo como o desempregado entende o seu percurso de vida profissional. Com este estudo procuramos também identificar os factores que o desempregado considera que exercem maior influência na sua situação de desemprego actual e/ou passadas. De modo a dar resposta a estes objectivos, o presente trabalho encontra-se organizado em quatro capítulos.

O capítulo I deste estudo encontra-se dividido em três grandes temas: *O Desemprego em Portugal*, *a Exclusão VS Inclusão Social* e *as Transformações no modo de vida do Desempregado*. No primeiro grande tema, pretende-se fazer uma contextualização do *desemprego* em Portugal, como o próprio nome indica, fazendo referência ao conceito de *desemprego*, a dados estatísticos do *desemprego* no nosso país e apresentar alguns factores que conduzem a esta situação segundo autores que também estudam o *desemprego*.

No tema dois, é apresentada a base deste estudo dado que é abordada a centralidade que o trabalho assume nos dias de hoje podendo funcionar como um factor de inclusão social ou exclusão social e deste modo explicar a forma como o desempregado vivência a sua situação. A ausência de trabalho pode ser um factor de exclusão social e, por isso, decidiu-se explorar o que têm os investigadores a dizer sobre o *desemprego* enquanto factor de exclusão social. Se para alguns autores o *desemprego* pode ser visto como um factor de exclusão social, para outros, o facto de um indivíduo ser excluído do mercado de trabalho, não significa necessariamente a existência de uma exclusão social e muito menos uma vivência de “*excluído*” por parte deste (Duarte, 1998). Os valores e significados que

indivíduo atribui ao trabalho assim como as condições nas quais o trabalho é exercido são fundamentais para compreender a vivência de *excluído*, sendo tratados neste tema. Pelo facto de a sociedade do *Pleno Emprego* tender cada vez mais a adquirir o estatuto de um mito (Parada & Coimbra, 1999/2000), torna-se necessário para o presente estudo, apresentar a importância que o *Emprego* tem para o indivíduo. No caso de uma valorização do trabalho sob o ponto de vista económico e social, através do *Trabalho Informal*, o desempregado estará a tentar compensar ou repor alguns dos benefícios que tinha no mercado de *Trabalho Formal* como a recompensa monetária.

No terceiro e último tema, são referidas as transformações nos modos de vida do desempregado. Aqui são apresentadas as diferentes fases e tipos de *desemprego*, assim como algumas das consequências negativas decorrentes desta situação. A nível económico, o *desemprego* pode pôr em causa a satisfação das necessidades básicas do indivíduo e dos elementos do seu agregado familiar. Para além de inviabilizar economicamente a sobrevivência do indivíduo, a falta de emprego causa ainda uma sensação de falta de identidade capaz de pôr em risco o equilíbrio psicológico do indivíduo. Alguns dos desempregados, podem recorrer a *Mediadores de Compensação* como é o caso do *Estado Social*, das *Redes Sociais* e das *Actividades de Substituição*. Pode ocorrer que no *Estado Social* o desempregado se sinta apoiado pelo Estado tornando-se relutante em encontrar soluções que alterem a sua condição actual. Assim, o desempregado poderá implicitamente, ter a opção de escolher, voluntariamente, estar empregado ou desempregado recebendo benefícios do Estado. Muitos destes trabalhadores que optam por receber os benefícios acabam por se tornar em *Desempregados de Longa Duração* estendendo até ao limite os seus direitos sobre o subsídio de desemprego (Moura et al., 2004).

Nos capítulos II e III, será tratada toda a metodologia, análise e discussão dos resultados do estudo, respectivamente, sendo que no capítulo IV serão apresentadas as conclusões e reflexões finais.

## **CAPÍTULO I**

# **CONTEXTUALIZAÇÃO E CONCEPTUALIZAÇÃO TEÓRICA DA PROBLEMÁTICA**

Após uma breve contextualização da problemática em estudo, pretende-se realizar neste capítulo, uma análise mais aprofundada das dimensões e questões mais relevantes que a enquadram. Num primeiro momento, enquadraremos o *desemprego* em Portugal onde será apresentada a sua definição e onde serão enunciados alguns dados estatísticos, assim como algumas das suas causas. Num segundo momento será apresentada a base deste estudo, aqui será abordado o *desemprego* enquanto factor de exclusão social ou o *emprego* enquanto factor de inclusão social. Para isto, serão também abordados os valores e significados que o trabalho assume para o indivíduo, assim como o papel que o trabalho informal desempenha nos dias de hoje. No terceiro e último momento deste capítulo serão abordadas as transformações nos modos de vida do desempregado onde serão distinguidas e caracterizadas as fases e tipos do *desemprego*, assim como os mediadores de compensação que os desempregados utilizam para combater os efeitos negativos do *desemprego*.

## **1. O *Desemprego* em Portugal**

Para que seja possível compreender importância que o *desemprego* assume nos dias de hoje, será apresentada uma breve reflexão acerca da presença do *desemprego* em Portugal. Esta reflexão torna-se manifestamente importante dado que o *desemprego* é uma consequência da sociedade que foi sendo construída ao longo dos séculos, ou seja, é o resultado directo da organização social que se vive hoje em dia (Gomes, 2003).

### **1.1. Conceito**

Nos dias de hoje, o tema do *desemprego* acompanha-nos por toda a parte, é um tema central que é falado todos os dias pela população a nível mundial. No entanto, a palavra *desemprego* pode ser entendida de várias maneiras sendo que o seu significado poderá ser percebido de várias formas entre as pessoas. Por este motivo considera-se necessário o esclarecimento do significado deste conceito.

O conceito de *desemprego* é relativamente recente na nossa sociedade. Este surge pela primeira vez no último quarto do século XIX no ano de 1870 em França. O termo Francês para *desemprego* é “*Chomâge*” começando a ser aplicado a trabalhadores privados, involuntariamente, do seu trabalho. Nesta altura, o *desemprego* parece ser a suspensão pura

e simples do trabalho (Gomes, 2003). Com a evolução do tempo, vários são os autores que procuram definir o conceito de *desemprego*. No Inquérito de Emprego do INE, desempregados são pessoas que não possuem qualquer tipo de trabalho, que estão disponíveis para trabalhar ou que procuram um trabalho (Jesuíno, 1989).

De acordo com Centeno (2001, p: 58; *cit. in* Cachapa, 2007), o *desemprego* é definido como a situação de “*um indivíduo em idade activa que não possuindo uma actividade pretende obtê-la e desenvolve esforços para a conseguir, tende a deixar de fora um número crescente de pessoas, que não sendo desempregados no sentido estatístico da expressão, também não participam na população activa*”.

Segundo o INE (2009) o conceito de *desemprego* abarca todas as pessoas acima de uma determinada idade que durante o período de referência<sup>1</sup> não estavam num emprego remunerado ou num emprego por conta própria; são pessoas que estão disponíveis para um emprego remunerado ou por conta própria durante o período de referência; e pessoas que tinham procurado num período recente específico um emprego remunerado ou por conta própria.

Juntamente com a definição de *desemprego*, dever-se-á também fazer a distinção entre o *Desemprego a Curto Prazo* e o *Desemprego a Longo Prazo*. O “*Desemprego de Curta Duração*” não é tão referenciado pelos autores que estudam o *Desemprego* nem surge no glossário do portal do Instituto Nacional de Estatística apesar de ser considerado nos estudos realizados. Isto deverá ocorrer sobretudo devido ao facto de ser o “*Desemprego de Longa Duração*” aquele que mais influencia o desenvolvimento económico do país. No entanto o “*Desemprego de Curta Duração*” corresponderá ao indivíduo que se encontra desempregado há menos de 12 meses. De acordo com o portal do Instituto Nacional de Estatística e com o documento metodológico de inquérito ao emprego, o “*Desemprego de Longa Duração*” caracteriza-se como o indivíduo que se encontra desempregado à procura de emprego há 12 ou mais meses.

### **1.1.Dados**

Após esta caracterização do significado do *desemprego*, serão apresentados de seguida alguns dados que demonstram as oscilações dos valores do *desemprego* no nosso país. Ao

---

<sup>1</sup> O período de referência é entendido como o período em que a pessoa se encontra desempregada.

longo dos últimos 30 anos o *desemprego* assumiu um crescimento em determinados períodos críticos. A inserção política económica da sociedade portuguesa na União Europeia (1986) fez com que o Estado fizesse restrições orçamentais induzindo uma crise no mercado de trabalho agravando a situação de *desemprego* no país (Gonçalves, 2005). Considerando o carácter tradicionalmente informal por parte da economia em Portugal, é difícil definir uma quantificação objectiva da realidade do *desemprego* (Pais, 1998; *cit. in* Cachapa, 2007; Rodrigues, 1998; *cit. in* Cachapa, 2007). No entanto, tudo indica que a dilatação do *desemprego* foi reduzida nos anos 80, aumentando logo na década seguinte, contrariando as tendências de recuperação registadas na UE (Costa et al., 2000; *cit. in* Cachapa, 2007), sendo os anos 90 marcados pelo aumento do *desemprego*.

De acordo com os dados apresentados pelo Instituto Nacional de Estatística, a população desempregada em Portugal em 2010 foi de 602,6 mil indivíduos (10,8%). Através da consulta dos dados estatísticos fornecidos pelo INE, poderemos verificar que o Algarve é a zona que regista a maior percentagem de indivíduos desempregados (13%). Os desempregados com o ensino secundário e pós-secundário são os que apresentam a maior taxa de *desemprego* (26,9%), no entanto, os desempregados com o 3º ciclo são os que apresentam a taxa de *desemprego* mais baixa (10,6%). Em 2010, 287,3 mil Homens (9,8%) e 315,3 mil Mulheres (11,9%) experienciaram o *desemprego* em Portugal. O ano de 2010 regista a maior taxa de *desemprego* na população activa com idade acima dos 45 anos (183,1 mil pessoas), seguindo-se a faixa etária dos 25 aos 34 anos com 181,3 mil pessoas desempregadas. Estes dados reflectem a grande dificuldade que os jovens portugueses e as pessoas de meia-idade têm em arranjar emprego. Em 2010 foi registado o maior número de população activa à procura do primeiro emprego (63,5 mil pessoas) e de um novo emprego (539,0 mil pessoas) desde o ano de 2003. De notar ainda a elevada quantidade de pessoas que se encontra na situação de *desemprego* de Longa Duração (327,0 mil pessoas) e de Curta Duração (273,2 mil pessoas).

Estas estatísticas demonstram bem as dificuldades que a população portuguesa tem em estar empregada. Como as taxas de *desemprego* continuam a aumentar, entende-se por isto uma necessidade de tentar explicar o porquê de estes números continuarem a aumentar de ano para ano. Como tal, de seguida serão apresentadas algumas das causas pelas quais cada vez mais existem pessoas na situação de *desemprego*.

## 1.2.Causas

A procura de emprego por parte do desempregado e o facto de o conseguir arranjar ou não irá determinar o seu futuro. Por vezes não é só necessário o indivíduo procurar um emprego, é também necessário que exista entidades empregadoras dispostas a contratá-lo de modo a que este saia da situação de *desemprego*.

Segundo Lebaude (1996; *cit. in* Parada & Coimbra, 1999/2000) um discurso assente numa lógica de *Crise* tem sido privilegiado. Este baseia-se na necessidade de adopção de medidas de regulamentação e ajuste entre dimensões como a oferta e a procura, o emprego e a formação, as qualificações e as necessidades reais dos sistemas de produção, as quais, à partida, deveriam ser suficientes para solucionar o problema da *Crise* (Lebaude, 1996; *cit. in* Parada & Coimbra 1999/2000).

Fazendo uma análise do contexto sociocultural e político-económico, verifica-se portanto, que a sociedade do *Pleno Emprego* tende cada vez mais a adquirir o estatuto de um mito, apesar de este não se mostrar evidente no discurso oficial das entidades responsáveis que viabilizam a economia de mercado (Parada & Coimbra, 1999/2000).

Na verdade, os números elevados do *desemprego* na comunidade europeia surgem das mudanças políticas e sociais. Para além das consequências negativas do *Desemprego* afectarem os indivíduos, afectam também a sociedade em geral (Isengard, 2003). De facto, é visível o lugar de destaque que o *desemprego* tem assumido nas sociedades contemporâneas dado que, segundo Killeen (1996), o *desemprego* é o preço a pagar pelas mudanças tecnológicas, pela globalização e pela reestruturação. Também Arcoverde (1998) aponta como sendo a modernização da produção capitalista e a introdução de novas tecnologias como as causas para o aumento dos valores do *desemprego*.

A redução nos ritmos de crescimento de criação de riqueza e da produtividade da economia portuguesa ocorre em simultâneo, com uma delicada degradação do emprego e da aceleração correlativa das taxas de *desemprego* no país (Carneiro, 2005; *cit. in* Cachapa, 2007). Por si só factores como os baixos níveis de escolaridade, em particular, o analfabetismo, podem constituir factores de pobreza em Portugal, dado que tal diminui a capacidade de autonomia dos indivíduos. Isto pode ser um factor de insegurança nos diferentes contactos sociais e que vem limitar a participação na vida social em geral (Viegas & Costa, 2000; *cit. in* Cachapa, 2007). O nível de instrução tem uma influência

preponderante na integração do mercado de trabalho, e por conseguinte, na definição do êxito económico dos indivíduos (Cachapa, 2007). De facto, a reduzida formação escolar e a falta de preparação técnico-profissional conduzem a um aumento das dificuldades de adaptação aos processos de modernização tecnológica e/ou administrativa (Ribeiro & Coimbra, 2004).

Ribeiro & Coimbra (2004) referem dois factores de maior debilidade face à perda de emprego: a fraca formação escolar anteriormente referida e a imposição de um limite de idade como condição restritiva de acesso ao mercado de trabalho. Os autores defendem que o factor *Idade* parece explicar as dificuldades que os trabalhadores de meia-idade têm em arranjar emprego, existe uma discriminação destes trabalhadores face a indivíduos mais novos por parte das empresas. Esta discriminação parece estar relacionada, por vezes, com a existência de barreiras físicas decorrentes da idade que fazem parte do processo de envelhecimento e que poderão exercer influência mediante a actividade profissional dos indivíduos. Os desempregados com mais de 40 anos apresentam também dificuldades de empregabilidade, não apenas pelo nível de qualificação que possuem, mas pela introdução cada vez mais frequente da idade como critério regulador no seu acesso ao mercado de trabalho.

Para além da *Qualificação* e da *Idade*, outros factores como as mudanças políticas e sociais, a globalização e a introdução de novas tecnologias deverão ser considerados no aumento do *desemprego* dado que este ocorre em indivíduos de todas as idades e com habilitações de nível médio/superior. Como consequência, as pessoas que ficaram desempregadas, continuarão desempregadas por ser cada vez mais difícil para elas encontrar um emprego no qual reúnam as condições necessárias para o preenchimento das vagas. Quando a ausência de emprego é prolongada, desencadeia um conjunto de efeitos que não são redutíveis à simples dimensão material do rendimento e do consumo. O *desemprego* remete também para efeitos no domínio simbólico, para dimensões não mercantis, como a quebra na produção de relações sociais, alterações no estilo de vida, no *status quo*, na forma como se é visto e reconhecido pelos outros, ou nas relações de dependência estabelecidas (Caleiras, 2004; Duarte, 1998; Stokes & Cocharane, 1984).

## **2. O trabalho como factor de inclusão e/ou exclusão social e o desemprego como factor de exclusão social**

Sentimentos de vergonha e estigma são sentidos pelos desempregados, estes apresentam uma maior tendência para evitar os contactos sociais e isolar-se como modo de protecção contra estes sentimentos (Araújo, 2007; Jahoda, 1982; Loison, 2000). Esta situação traz consequências ao nível das *Relações Sociais e de Apoio* (Jahoda, 1982). No estudo realizado por Stokes & Cocharane (1984), verificou-se que os desempregados consideravam ser menos aceites pelos outros, ou pela sociedade do que os empregados (Bragança et al., 2003). A percepção que a pessoa tem do modo como é vista pelos outros, parece exercer influência ao nível do *Auto-conceito* e, por consequência, da *Auto-estima* (Bragança et al., 2003). Este cenário chama a atenção para a importância do contexto social, o apoio social e para a integração do indivíduo na sociedade que podem ser postos em causa com a perda de trabalho e consequente *desemprego*.

### **2.1. O trabalho, factor de inclusão social?**

O trabalho possui várias funções, entre as quais a função económica e o estabelecimento de contactos sociais e afectivos e, por estes motivos, a perda de trabalho, o *desemprego*, conduz, em muitos casos, ao isolamento, à privação de redes sociais e à exclusão. Para Déjours (2003, *cit. in* Ribeiro, 2007) o trabalho seria um meio de satisfação das necessidades do indivíduo e um mediador de independência do indivíduo na medida em que a falta de trabalho pode conduzir a uma vida sem sentido e a uma situação de vulnerabilidade social (Castel, 2005). Por isso, o *desemprego*, a ausência de trabalho é associado à exclusão social porque o trabalho teria uma função de integração no indivíduo na sociedade. Esta tese é defendida por Salanova (et al., 1996). Estes autores chamam a atenção para as várias funções que o trabalho assume para o indivíduo salientando a sua importância enquanto factor de inclusão no seio de uma sociedade:

- A função integrativa e significativa que o trabalho assume na vida do indivíduo, o trabalho é o que dá sentido à vida, através dele o indivíduo realiza-se, neste caso é uma experiência vital significativa;
- O trabalho proporciona ao indivíduo um lugar na sociedade que é mais ou menos valorizado. O modo como o trabalho é valorizado proporciona ao indivíduo um estatuto e

prestígio social (Jahoda, 1982; Furnham, 1994; Salanova et al., 1996) conduzindo deste modo, ao auto-respeito, reconhecimento e respeito pelos outros (Salanova et al., 1996);

- O trabalho é uma fonte de identidade social, a forma como os outros nos vêem no trabalho está relacionada com a forma como nos vemos. Deste modo, o trabalho assume um papel importante para o indivíduo na medida em que contribui para a construção da sua identidade pessoal;

- O trabalho tem uma função económica, em troca do seu trabalho o indivíduo recebe um salário que lhe permite a aquisição de recursos necessários à manutenção da sua sobrevivência (e.g. bens materiais) mas também serviços de saúde, protecção na velhice e outros;

- O trabalho pode ser uma oportunidade para a interacção e contactos sociais uma vez que a maior parte das interacções surgem em contexto de trabalho, com colegas, supervisores, clientes;

- O trabalho estrutura o tempo, o dia, a semana, o mês, o ano, e mesmo o ciclo de vida. O trabalho intervém também na organização da vida familiar, lazer e nas férias. Assim, o nosso tempo livre, para as férias, para a família depende dos nossos tempos de trabalho. Os horários por turnos rotativos ou fixos nocturnos assim como aos fins-de-semana afectam a nossa vida familiar;

- O trabalho impõe uma disciplina ao indivíduo, é um marco de referência útil, uma actividade regular, obrigatória e com determinado sentido;

- Oportunidade para adquirir e desenvolver habilidades e capacidades;

- Transmite normas, crenças e expectativas sociais, através da comunicação no trabalho aparece a transmissão de expectativas, crenças e valores e informações relacionadas com o trabalho mas também com outros domínios de vida;

- O trabalho proporciona poder e controlo sobre outras pessoas, sobre informação, conhecimento;

- O trabalho proporciona conforto, quando existem boas condições de trabalho (e.g. físicas, horários de trabalho, mentais, psicossociais, entre outras).

A maioria das funções do trabalho corresponde a uma valorização positiva (e.g. auto-realização, contactos interpessoais, fonte de identidade, entre outros). No entanto, de acordo com Salanova (et al., 1996), as condições de trabalho exercem influência no modo como o indivíduo assume as diversas funções do trabalho. O trabalho pode também ser disfuncional para o indivíduo em função das características apresentadas. Quando o trabalho é repetitivo, desumano, humilhante, monótono e não potencia autonomia, pode ser disfuncional para o indivíduo e conduzir a consequências negativas. Na verdade, parte da importância do trabalho para o indivíduo está relacionada com as funções que este desempenha para ele. Por este motivo, apesar de o trabalho cumprir, normalmente, uma série de funções positivas poderá também, em certas ocasiões, ser disfuncional.

Neste sentido, vários autores chamam a atenção para as condições em que o trabalho é realizado considerando que os contextos de trabalho também podem constituir um factor de exclusão social. Sennett (2001; *cit. in* Caleiras, 2004) considera que as alterações das condições laborais acarretam para o indivíduo efeitos nocivos sobre as várias dimensões da sua vida pessoal. O exercício do trabalho não proporciona ao trabalhador a construção de relações estáveis e sólidas com o mundo que o rodeia (Sennett, 2006) conduzindo-o à marginalização dentro da Organização.

Para Marx, o trabalho é um meio de emancipação e desenvolvimento de potencialidades no Homem. No entanto, segundo o mesmo autor, a forma como o trabalho se organiza na sociedade capitalista é mais um factor de subordinação e embrutecimento do que de desenvolvimento de potencialidades. Os autores Gorz (1987, *cit. in* Ribeiro, 2007) e Offe (1985; *cit. in* Ribeiro, 2007) consideram que o trabalho é apenas uma das esferas da vida e não a principal por não conter em si a potência estruturante que lhe foi concedida. Para ambos é possível separar a potência estruturante que lhe foi concedida, sendo possível separar a sobrevivência do trabalho. Estes autores defendem o emprego como gerador de identidade e os novos modelos de trabalho como geradores de “*desidentidade*”. No entanto, o emprego, apesar de permitir a construção de padrões colectivos, contém no seu seio um processo de alienação do trabalhador ao trabalho estranho. Gorz e Offe foram alvos de várias críticas. A principal crítica salienta que o trabalho tem um valor fundamental para todos os indivíduos, ele constitui o principal domínio de vida, a impossibilidade de trabalhar na construção do mundo, através do seu trabalho pode acarretar consequências. Estas consequências poderão verificar-se com a criação de rupturas psicossociais significativas (Ribeiro, 2007).

## 2.2. O desemprego, factor de exclusão social?

De acordo com Costa (2001; *cit. in* Cachapa, 2007) a exclusão social corresponde à ruptura da relação do indivíduo com a sociedade, sendo o *desemprego* um factor importante nessa ruptura, assim como a ruptura familiar e afectiva. Os problemas de exclusão e pobreza que o indivíduo experiencia aumentam devido às necessidades económicas decorrentes do *desemprego*.

Para Ribeiro (2007), a perda do trabalho e o desemprego constituem uma situação de vulnerabilidade social porque conduzem o indivíduo a uma ruptura biográfica que gera uma perda da referência dos significados existentes no mundo contemporâneo e em processo de transição. Assim, o *desemprego* poderá ser uma situação extrema que rompe momentaneamente ou definitivamente a trajetória de vida no trabalho de um indivíduo mas que poderá ser retomada com o regresso ao trabalho (Ribeiro, 2007).

Com a falta de emprego, o projecto de vida dos desempregados ficaria sem rumo pela falta de parâmetros, colocando a vida dos indivíduos à deriva (Sennett, 2006) e sem lugar na sociedade, numa situação de flutuação social, ou seja, sem lugar definido na estrutura social – laboral (Castel, 2005). O indivíduo procura reconsolidar a construção identitária impedida pela ruptura biográfica, no entanto, vê-se perante impossibilidades psicossociais, como a extinção de diversas ocupações, o aumento do *desemprego*, o discurso da superqualificação e da multifuncionalidade e a quebra das redes sociais provocadas pela perda de emprego (Ribeiro, 2007). Neste sentido, pode-se afirmar que o trabalho continua a determinar a existência psicossocial das pessoas e que uma vida sem trabalho é uma vida sem referência (Ribeiro, 2007).

Apesar de alguns autores considerarem o *desemprego* como um factor de exclusão social, outros consideram por outro lado, que o facto de o indivíduo se encontrar desempregado, não implica necessariamente estar excluído socialmente.

Assim, complementarmente à tese de que o *desemprego* é um factor de exclusão social, Duarte (1998) menciona a necessidade de distinguir o *desemprego* de exclusão social. A tese desta autora assenta no facto de as situações de *desemprego* não corresponderem necessariamente a situações de exclusão social. No entanto, existe a possibilidade de esta relação aumentar quando o *desemprego* se prolonga no tempo e/ou se repete, mas nem todos os desempregados de longa duração são excluídos.

Duarte (1998) considera que o desemprego por si só não é um factor de exclusão social, o desemprego é sim, uma situação social desfavorável, no qual as respostas individuais são variadas. O *desemprego* de longa duração pode não ser o princípio do processo de exclusão, pode sim, ser um dos momentos de um processo de acumulação de factores iniciados na família, na passagem pela escola e, agora, com o afastamento do mercado de trabalho. O desemprego pode ser apenas uma ruptura estritamente profissional que, apesar de ser de longa duração, não provoca outras rupturas (Duarte, 1998). Assim, o modo como o indivíduo percebe o seu trabalho é fundamental para compreender as manifestações e as consequências da sua perda.

Várias investigações salientam a remuneração como a característica do trabalho mais valorizada pelos trabalhadores, seguindo-se o bom ambiente de trabalho, o trabalho interessante, a segurança no trabalho, o uso das capacidades e a auto-realização (Brief & Nord, 1990; *cit. in* Argolo & Araújo, 2004; Ashford & Timms, 1992; *cit. in* Cachapa, 2007; Riffault, 1995; *cit. in* Cachapa, 2007; Stoetzel, 1983; *cit. in* Cachapa, 2007). Para muitos o trabalho tem, apenas, uma função económica, é valorizado pelo salário que lhe está associado, sendo que a principal fonte de inconveniência do *desemprego* se prende com a perda do salário e com a insegurança económica e exclusão social daí resultante (Archer & Rhodes, 1993; Duarte, 1998).

Decorrente desta insegurança económica e possível exclusão social, alguns desempregados recorrem a formas de trabalho clandestinas para compensar a falta de um salário e outras características do trabalho.

### **2.3. Trabalho Informal**

Devido às dificuldades com que os desempregados se deparam em encontrar um novo emprego, para compensar a falta de recursos, alguns recorrem ao *Emprego Informal* em alternativa ao *Emprego Formal*.

A compreensão da “*informalidade*” ou dos contratos atípicos do trabalho, dependem antes de mais, da compreensão do contrato formal predominante em cada país, região, sector ou categoria profissional (Huitfeldt & Jütting, 2009; Noronha, 2003). Noronha (2003) refere que ao sentido legal de “*formal*”, se contrapõe diversos tipos de contratos “*informais*”, sejam os claramente ilegais (Gonçalves, 2010; Noronha, 2003), sejam os trabalhos

familiares ou outro tipo de contratos cujo estatuto legal se encontra frequentemente em disputa (e.g. cooperativas ou trabalhos terciarizados). Como se pode verificar, devido ao tamanho e diversidade do *Emprego Informal*, é necessário olhar em mais profundidade a dinâmica e a segmentação dentro do *Emprego Informal*. De um modo geral, o *Emprego Informal* pode ser classificado de acordo com várias características importantes como o emprego assalariado ou o auto-emprego, urbano ou rural, emprego em empresas “*formais*” ou “*informais*”. Braun & Loayza (1993; *cit. in* Antunes, 2006) definem o *Sector Informal* como sendo constituído por um conjunto de empresas que não aderem a regras impostas pelo Governo, mas que conseguem vender os seus produtos num mercado competitivo em que as empresas “*legais*” (ou “*formais*”) também actuam (Gonçalves, 2010). Gonçalves (2010) ressalta que o principal objectivo do *Sector Informal* é gerar rendimentos e emprego para os indivíduos envolvidos.

A perspectiva da economia sobre o *Emprego Informal* assenta no contexto da segmentação do mercado de trabalho onde os bons empregos formais são escassos e os trabalhadores que se encontram fora deste mercado de trabalho, nomeadamente os desempregados, trabalham involuntariamente em empregos “*informais*” e de baixa produtividade (Huitfeldt & Jütting, 2009). Em Portugal, os indivíduos que desenvolvem actividades “*informais*” têm preferência por manter uma actividade na economia oficial dado que esta lhes permite estarem cobertos pela segurança social (Gonçalves, 2010).

Huitfeldt & Jütting (2009) referem que a “*informalidade*” pode em grande medida ser vista como o resultado do tipo de desenvolvimento que não é capaz de criar empregos suficientes para todos. A discriminação no mercado de trabalho entre homens e mulheres, grupos sociais e diferentes ocupações, contribuem para o agravamento da baixa capacidade dos sectores público e privado acomodarem o rápido crescimento da população e da força de trabalho. O aumento da subcontratação impulsionado pela liberalização e globalização económica conduziu a uma maior diversidade nas formas de *Emprego Informal*. Este por sua vez conduziu a uma maior heterogeneidade entre os trabalhadores informais e um aumento no número de pessoas com competências mais elevadas e capacidade produtiva (Huitfeldt & Jütting, 2009). Os regulamentos formais têm sido direccionados principalmente para as grandes empresas, e por isso, são muitas vezes inadequados para as necessidades e condições das pequenas e médias empresas. Alterações na regulamentação do trabalho e/ou na implementação das normas do trabalho, podem ter também um impacto sobre a participação da informalidade na economia (Huitfeldt & Jütting, 2009).

O *Emprego Informal* no fundo acaba por ser facilitado devido à falta de controlo e fiscalização, em particular, das pequenas empresas (Lima et al., 2008). De acordo com o Sindicato da Hotelaria do Norte (*cit. in* Lima et al., 2008), um terço do emprego desta região é de alguma forma ilegal.

Matsuo (2009) verificou que face ao *desemprego* e por falta de opção, as trabalhadoras com pouca escolaridade e qualificação se submetem às ocupações precárias, aos vínculos atípicos, ao *Trabalho Informal*, sem protecção social, mal remunerado e à sobrecarga de trabalho. De acordo com a investigação de Matsu (2009), os trabalhadores permanecem em actividades “*informais*” por falta de alternativa dado que tentaram durante um longo período de tempo uma inserção ou reinserção no mercado formal. Após várias tentativas sem resultados positivos, acabaram por permanecer no mercado informal (Matsu, 2009).

De acordo com Loison (2000), o tipo de trabalho informal ou os chamados “*Biscates*” mais frequentes para os homens são os que dizem respeito à construção civil e no caso das mulheres, a costura, o cuidado de crianças e as actividades de limpeza. No mercado de trabalho informal, o indivíduo pode trabalhar a tempo inteiro ou apenas algumas horas por semana como ocorre com o mercado de trabalho formal. No estudo de Loison (2000) verificou-se que por vezes, os indivíduos mais ocupados na economia informal preferem permanecer na situação de *desemprego*, apesar de não receberem um subsídio, do que ganhar o salário mínimo num emprego formal pouco qualificado onde sejam necessários gastos para as deslocações. Os indivíduos têm plena consciência de que no caso de litígio com o empregador, não poderão beneficiar de uma cobertura social.

Como se verifica no estudo de Lages (2001), são várias as estratégias que a população desempregada encontra para ocupar o seu tempo livre. As actividades de substituição procuram preencher o tempo livre que o indivíduo passou a ter disponível enquanto o *Trabalho Informal* pode vir a assumir um papel de substituição do *Trabalho Formal*. Isto poderá ocorrer na medida em que, os indivíduos que procuram trabalho dentro das condições legais poderão não o conseguir encontrar, recorrendo por isso a outros tipos de trabalho como o *Trabalho Informal*. O modo como o indivíduo encara o *desemprego* e utiliza o seu tempo poderá ter várias repercussões na sua vida como se irá verificar já de seguida.

### 3. Transformações no modo de vida do Desempregado

O trabalho é um elemento central na organização da vida em sociedade e, para o indivíduo, a perda de trabalho conduz a transformações importantes na sua vida. As transformações do trabalho ocorridas nos últimos 30 anos salientam que o trabalho pode ser disfuncional para o indivíduo. No estudo de Lages (2001), foi ainda possível verificar que os desempregados ocupam o seu tempo livre e vivenciam o *desemprego* de várias maneiras, recorrendo para isto, a alguns mediadores de compensação (Araújo, 2007). Neste capítulo trataremos as diferentes fases e tipos de *desemprego* e os mediadores de compensação para uma melhor compreensão das transformações que ocorrem na vida dos desempregados.

#### 3.1. Fases do Desemprego

No decorrer da Crise económica de 1929, foram sentidas elevadas taxas de desemprego a nível mundial. No decorrer deste período alguns investigadores verificaram que o *desemprego* detinha várias fases. “*The various types of attitudes maintained among those out work are more a function of the stage of unemployment than anything else*” (Eisenberg & Lazarsfeld, 1938, p.378). Jahoda (1982) replicou o estudo de Powell & Driscoll (1973; *cit. in* Jahoda, 1982) que consistia na realização de entrevistas com pessoas desempregadas em idade activa. Os investigadores que estudaram o percurso do *desemprego* ao longo da *Grande Depressão* identificaram vários estádios, sendo que Jahoda (1982) e Kaufman (1982) partiram de estudos anteriores para caracterizar as diferentes fases do *desemprego*, acabando por identificar quatro fases. De salientar que a descrição do que ocorre em cada fase do *desemprego* é meramente orientadora dado que nem todas as pessoas que ficam sem emprego reagem da mesma maneira (Jahoda, 1982).

A primeira fase é caracterizada como a fase do *Choque, Alívio e Relaxamento*. Nesta fase, há um impacto inicial relativo à perda do emprego causando um estado de choque que, em geral, dá lugar a uma rápida redução do stress desenvolvido no período de antecipação e de incerteza. Muitos dos indivíduos nem sequer se sentem como desempregados, mas esta pode ser uma forma de negação que serve como meio para reduzir os níveis de stress. Outros protegem-se de sentimentos de vergonha mantendo segredo da sua condição perante os vizinhos e até mesmo da própria mulher (Briar, 1976; *cit. in* Jahoda, 1982; Scopel, 2005). De modo a não adquirirem a identidade de desempregado, muitos

profissionais, possivelmente, encaram este período como se lhes tivessem sido atribuídas umas férias. O período de *Alívio e Relaxamento* foi referido como tendo uma duração de cerca de um mês, sendo que para outros poderia durar cerca de dois meses. Durante este período, os profissionais descrevem-se como confiantes e esperançosos em encontrar um novo emprego assim que se sentirem capazes de o procurar. Nesta fase, as relações com a família e amigos são consideradas normais e estáveis. Esta primeira fase exhibe ainda baixos níveis de anomia, agressão e a necessidade de estar empregado para se sentir seguro. Os indivíduos exibiram ainda uma elevada auto-estima, esperança e satisfação com a vida (Jahoda, 1982). Little (1973; *cit. in* Jahoda, 1982) refere que as desordens psicossomáticas revelaram-se bastante baixas nesta fase. Jahoda (1982) descobriu que os indivíduos em idade activa do seu estudo se revelavam bastante ansiosos no que respeita ao futuro durante esta primeira fase.

A segunda fase do *desemprego* é chamada de *Esforço Concertado*. Nesta fase, o comportamento dos indivíduos muda drasticamente (Powell & Driscoll, 1973; *cit. in* Jahoda, 1982). Os indivíduos concentram os seus esforços sobretudo na procura de um novo emprego. Esta fase tende a ser um período de optimismo, com a duração de cerca de três meses, tempo este em que o indivíduo mantém a confiança dependendo de factores como a segurança financeira e o apoio social. Na verdade, esta fase mostrou-se como a fase em que o profissional mais apoio e encorajamento recebe da família e amigos. Aqueles que se encontraram desempregados durante esta fase reportaram um maior apoio social e um menor ressentimento, irritação e ansiedade. Aparentemente os esforços movidos na procura de emprego reduzem alguns destes sentimentos que podiam ter atingido o indivíduo durante a primeira fase. A incapacidade de encontrar um emprego começa a tomar conta do bem-estar psicológico do indivíduo. Altos níveis de anomia surgem no decorrer desta fase, assim como fortes sentimentos de responsabilidade e de necessidade de voltar ao trabalho em ordem a manter a sua segurança económica e a sua auto-estima. Outros sentimentos como a culpabilização e dificuldade em lidar com ociosidade e insatisfação na sua vida surgem nesta fase (Jahoda, 1982). É claro que os indivíduos detêm uma grande vontade de retornar ao trabalho durante esta segunda fase, mostram ainda a predisposição de fazer esforços exaustivos para encontrar a posição adequada nas suas aspirações no que respeita à sua carreira (Jahoda, 1982).

Ao fim de vários meses na procura infrutífera de emprego, surge a terceira fase do *desemprego*. Esta caracteriza-se pelo *Balanço, Dívida* (Powell & Driscoll, 1973; *cit. in*

Jahoda, 1982) e *Raiva* (Jahoda, 1982), tendo uma duração de cerca de seis semanas. Durante esta terceira fase, os indivíduos desempregados começam a questionar as suas capacidades para encontrar um emprego. Estas dúvidas são acompanhadas de altos níveis de ansiedade, com procuras irregulares de emprego. Muitos começam a considerar uma mudança maior na carreira, com alguns passos no sentido de se redireccionarem para outra ocupação. Contudo, alguns indivíduos mantêm-se fiéis à sua profissão e resistem à troca de sector de actividade. Nesta fase são percebidas alterações como mudanças de humor, elevados níveis de frustração e raiva. Estes sentimentos reflectem-se nas relações sociais e com a família. São sobretudo os homens que sentem que se tornaram um fardo para a família, alguns chegam mesmo a ser susceptíveis de cometer suicídio. Pela primeira vez, nesta fase, os indivíduos começam a referir que as suas vidas nunca mais irão voltar à normalidade, no entanto, alguns procuram ainda manter as esperanças (Jahoda, 1982).

A quarta e última fase do *desemprego* é reconhecida como a *Conformação e Retirada* (Jahoda, 1982) e a sua duração pode ir além das 26 semanas. Nesta fase, a procura de emprego por parte dos indivíduos torna-se inconsistente, acabando mesmo por não ocorrer em alguns casos. O estado psicológico do indivíduo nesta fase tende a estabilizar, sendo caracterizada por uma perda da motivação como reacção à frustração de não ser capaz de encontrar um emprego. Sentimentos de impotência misturados com cinismo são mecanismos de defesa para reduzir os seus esforços na procura de emprego. Quanto mais tempo os indivíduos permanecem neste estado, mais rígida se torna a sua identidade ocupacional. Na realidade, o evitar a procura de um emprego por parte do indivíduo, torna-se progressivamente maior. O estado psicológico dos desempregados torna-se estável nesta fase com sentimentos de ansiedade. Nesta fase o desespero é consideravelmente mais reduzido sendo substituído pelos sentimentos de desamparo e descanso. Os sentimentos de baixa ansiedade acompanham sentimentos de aceitação da sua situação. Níveis baixos de auto-controlo foram encontrados nesta fase num estudo de Little (1973; *cit. in* Jahoda, 1982). No que respeita às condições sociais, estas tendem a melhorar mas são mais limitadas a amigos próximos e à família, no entanto, o apoio social é mais baixo do que nas fases dois e três. É clara a existência de uma deterioração crescente da percepção dos indivíduos relativa às suas capacidades ocupacionais enquanto continuarem sem encontrar um emprego. Tal deterioração irá provavelmente afectar o modo como os indivíduos encaram a necessidade de retornar ao trabalho no sentido de manter determinados objectivos. Os desempregados de longa duração sentem uma maior diminuição da

motivação. Na verdade, durante esta fase, os desempregados são maioritariamente caracterizados por uma manifestação extrema da síndrome da inibição do trabalho (Jahoda, 1982). A dificuldade em encontrar um novo emprego com sucesso, conduz o indivíduo a diminuir a sua auto-estima (Ahn et al., 2004). Como consequência, poderá surgir um sentimento de desvalorização profissional na medida em que os indivíduos desempregados aceitariam qualquer tipo de trabalho (Rocha & Barreto, 1999; *cit. in* Pinheiro & Monteiro, 2007). A perda de *Auto-estima* está aparentemente relacionada com a sensibilidade do indivíduo à ansiedade, podendo provocar situações como a criada pela situação stressante do *Desemprego* (Riegle, 1982; Jahoda, 1982).

### **3.2. Tipos de Desemprego**

Como se pode verificar, Jahoda (1982) refere quatro fases do *desemprego*, onde associadas a cada uma delas se podem encontrar mudanças na vida do indivíduo. De modo a complementar a compreensão das transformações nos modos de vida do desempregado, serão referidos de seguida diferentes tipos de *desemprego*.

Para Duarte (1998), o *desemprego* surge como uma profunda alteração e destabilização da vida do indivíduo conduzindo a várias consequências negativas ao nível familiar, social e individual e também como um estatuto inferior vivido pela maior parte dos indivíduos como “*um tempo vazio*”. O modo como cada indivíduo vivencia o desemprego depende de variáveis como a idade, a pertença social, as competências escolares, profissionais e sociais, os recursos económicos e culturais, a profissão anterior, o sector de actividade, o estado de saúde, o grau de solidariedade no grupo familiar e a duração do *desemprego*. O *desemprego* é vivido por todos os que se encontram nele como uma perda de estatuto social, e também como o desaparecimento de todo o reconhecimento social. O autor refere ainda que na interpretação da experiência do *desemprego* importa considerar outros factores como: a posição no ciclo de vida do indivíduo, a posição na estrutura social, a posição numa trajectória social, as antecipações subjectivas do futuro, as redes relacionais e os estatutos sociais objectivamente possíveis (Duarte, 1998).

Parece manter-se até aos dias de hoje a concepção da existência de vários tipos de *desemprego* sendo que deverão ser considerados os vários factores e variáveis aquando da

sua classificação. É consensual afirmar-se que o desempregado perante esta situação enfrenta várias dificuldades quer a nível individual, económico ou social.

Relativamente aos tipos de *desemprego*, Schnapper (1981; cit. in Duarte, 1998) considera três tipos: o *Desemprego Total*, o *Desemprego Invertido* e o *Desemprego Diferido*. Para os indivíduos que vivem o *Desemprego Total*, é o trabalho que marca os modelos comportamentais no tempo e no espaço, conferindo um estatuto e uma identidade social. Este tipo de *desemprego* é a forma vivida pela maior parte dos desempregados que experimentam um sentimento de humilhação, de aborrecimento, de perda de confiança e de dessocialização. Com a perda de emprego, a *Auto-estima* aparece também associada com a *Auto-culpabilização* e *Depressão* (Jahoda, 1982; Stokes & Cocharane, 1984 Kokko et al., 2000; Pinheiro & Monteiro, 2007). Nas mulheres, a perda de trabalho acarreta consequências afectivas e emocionais, no entanto parece existir uma falta de atenção a estas consequências (Leana & Feldman, 1991; cit. in Bragança et al., 2003). Esta falta de atenção poderá estar relacionada com a existência de estereótipos no que respeita à importância do trabalho para as mulheres (Bragança et al., 2003). Bragança et al. (2003) referem que o homem é visto como responsável pelos encargos da família, partindo-se do princípio que a perda de emprego no homem será sempre mais traumática do que para a mulher. Por outro lado, pressupõe-se, tradicionalmente, que as mulheres se adaptarão melhor ao *desemprego* devido ao facto de o trabalho ser visto como menos central na sua identidade. Pelo facto de as mulheres se encontrarem menos representadas ao nível da autoridade, remuneração e estatuto hierárquico no mundo do trabalho, quando ficam desempregadas, a sua perda não é considerada tão grave como é para os homens. Isto ocorre porque os empregos por si só, também não são vistos como sendo tão importantes.

O tipo de *Desemprego Invertido*, consiste numa valorização do período de *desemprego*, ou seja, o indivíduo vê com a chegada do *desemprego*, a possibilidade de adoptar estatutos de substituição. Jovens de origem social média ou superior, sem problemas financeiros e com a sua situação e formação mal resolvida no mercado de trabalho preferem definir-se como estudantes ou artistas em vez de desempregados. Alguns definem-se como artistas, opondo às contingências do trabalho, a disponibilidade e a liberdade necessárias à criação artística. O *desemprego* permite-lhes, deste modo, dedicarem-se à sua obra. Com esta iniciativa, o indivíduo procura inverter a experiência do *desemprego*, transformando a sua condição de desempregado pela evocação de outras competências pessoais.

Com *Desemprego Diferido*, os indivíduos deparam-se com um tempo livre forçado. Os indivíduos aproveitam o tempo livre que têm na preparação da sua reentrada no mercado de trabalho. Estes indivíduos procuram de maneira sistemática um emprego e procuram aumentar as suas qualificações, ocupando o seu tempo em actividades que lhes permitem aumentar as suas qualificações e que os capacitem de novas ferramentas para conseguir aceder a um novo emprego. Os indivíduos que experienciam este tipo de *desemprego* sentem-se activos. Para estes, o *desemprego* surge como um tempo de pausa relativa, destinada a preparar a próxima etapa da sua carreira. De modo a não interiorizar a condição de desempregado, os indivíduos procuram diferir o *desemprego*, combatendo a desprofissionalização e a dessocialização.

### **3.3. Mediadores de Compensação**

Tendo em conta as fases, tipos e dimensões do *desemprego*, iremos agora apresentar mediadores de compensação e factores que contrariam os efeitos negativos do *desemprego*.

No estudo desenvolvido pela autora Dominique Schnapper (1981; *cit. in* Duarte, 1998) foi possível distinguir três dimensões e formas de o sujeito vivenciar o *desemprego*. A autora considera a primeira dimensão de vivenciar o *desemprego*, referindo-se à capacidade de adopção de actividades de substituição do trabalho e no investimento de um estatuto alternativo, ou seja, o *desemprego* será vivido tanto mais positivamente quanto mais o indivíduo consiga desenvolver actividades que o realizem. A segunda dimensão assenta na intensidade e forma das sociabilidades, isto significa que quanto mais o desempregado se encontra integrado em redes sociais independentes do seu trabalho, menores serão as consequências negativas da sua condição. A terceira dimensão diz respeito ao enquadramento familiar na medida em que a integração desta, constitui um apoio à crise de estatuto que o *desemprego* estabelece mas por outro lado, as dificuldades familiares tendem a agravá-la.

Loison (2000) afirma que a família e as redes sociais são os mecanismos mais importantes de suporte ao indivíduo que se encontra na situação de *desemprego* em Portugal. Neste estudo mostrou-se relevante verificar até que ponto existe solidariedade e se o isolamento é pouco presente dado que a integração familiar, sendo relativamente forte ofereceria grandes possibilidades de compensação face ao *desemprego*. A família e as restantes redes

sociais insurgem-se como mecanismos compensatórios para lutar contra os efeitos negativos do *desemprego*.

No trabalho de Araújo (2007), os *Mediadores de Compensação* referem-se às protecções e recursos assegurados e mobilizáveis pelos desempregados como estratégia para enfrentar a situação de *desemprego*. Quando os *Mediadores de Compensação* actuam isoladamente ou em articulação com outros, quando ocorrem temporariamente ou de forma mais prolongada, poderão conferir aos desempregados protecção e recursos diversos. Deste modo poderá ser desenvolvido um tipo de vivência do *desemprego* mais ou menos integrada e vivida de um modo mais autónomo podendo mesmo chegar a ser independente. Neste modelo são considerados três *Mediadores de Compensação*: o *Estado Social*, as *Redes Sociais* e as *Actividades de Substituição*.

No *Estado Social*, foram avaliadas as expectativas dos indivíduos relativamente à acção dos serviços públicos de apoio, ou seja, dos Centros de Emprego. Estes dão acesso à prestação do *Subsídio de Desemprego*. O acesso a esta apenas é possível a indivíduos que fizeram descontos 24 meses antes do período de *desemprego* (Portal do Cidadão). O valor e a duração desta prestação varia em função do valor de remuneração de referência e do tempo de descontos que o indivíduo fez. As prestações de *desemprego* representam uma fonte de rendimento fixa e segura, sendo por isso a que mais se aproxima da situação anterior, o emprego, ou seja, o ganho de um salário. Para além deste subsídio, os Centros de Emprego possuem medidas activas de intervenção como os Programas Ocupacionais (POC). No entanto, estes não corresponderam às expectativas nem ofereciam quaisquer perspectivas de permanência para além do programa daqueles que o procuraram, assim como aqueles a que este lhes foi sugerido. Poucos foram os casos em que os desempregados que se submeteram aos POC e receberam ofertas de emprego por parte dos respectivos Centros de Emprego. Posto isto, parece verificar-se a tese de Centeno et al. (2001; *cit. in* Araújo, 2007; Ribeiro & Coimbra, 2004) relativa às dificuldades acrescidas de reinserção no mercado de trabalho que os desempregados de meia-idade enfrentam. À medida que o período de *desemprego* se prolonga, os desempregados quebram as expectativas perante os agentes públicos e reforçam as críticas orientadas à sua intervenção. O *Estado Social* surge como uma *dependência consentida* por parte dos serviços públicos. Isto ocorre porque os serviços públicos mostram-se incapazes de encontrar soluções viáveis para a reinserção do indivíduo no mundo do trabalho. Também a posição assumida por parte dos desempregados, de uma *dependência legítima*, não é

capaz de contrariar a situação de *desemprego*. De salientar que é o Estado que traça os limites da sua intervenção, assim como os limites da sua responsabilidade social perante os desempregados do país.

Relativamente às *Redes Sociais*, estas referem-se à família nuclear, o grupo doméstico de família simples. Estas redes de familiares mais próximos não parecem funcionar por si só como *Mediadores de Compensação* suficientes para assegurar aos desempregados vivências de *desemprego* mais autónomas. O Estado continua a ser perspectivado como o único meio capaz de reduzir os efeitos do *desemprego* no que respeita à privação financeira e de garantia de autonomia. Ou seja, o Estado assegura um rendimento fixo e a segurança que os trabalhadores detinham anteriormente. Deste modo, os desempregados acabam por se tornar dependentes do Estado (Araújo, 2007).

No que respeita às *Actividades de Substituição*, estas remetem para algumas estratégias de adaptação à perda de um emprego que não se vincula exclusivamente ao mercado de trabalho. As actividades de substituição desempenham um papel importante na vida do desempregado. Alguns desempregados optam por diferentes estratégias, quando caem na *Armadilha do Desemprego*. Os indivíduos começam a adquirir novas rotinas, sendo que o primeiro ano de *desemprego* se revela como o mais difícil. Sob o ponto de vista dos desempregados, o trabalho não declarado não constitui uma vantagem, muito pelo contrário, constitui o risco de perder as prestações fornecidas pelo Estado, ter de repor as prestações pagas anteriormente e ainda terem de continuar sem fazer descontos para a segurança social. No seio familiar, quando possível, os homens regressam à pequena agricultura (efeito de compensação), e as mulheres tratam da casa e da ajuda com as crianças e familiares com a necessidade de prestação de cuidados. Apesar de estas estratégias não serem remuneradas, possibilitam, no caso da agricultura, angariar alguns recursos alimentares. No caso da prestação de cuidados, as mulheres, tendem cada vez mais a cingir-se ao ciclo doméstico, quer pela sua idade, quer pela sua qualificação (Araújo, 2007). Uma outra estratégia utilizada reside em *regressar diferentemente ao mercado de trabalho*, isto é, os desempregados podem recorrer à formação profissional como aquisição de novos conhecimentos e competências numa tentativa de melhor se poderem inserir no mercado de trabalho. Perante a falta de alternativas, os desempregados procuram ganhar tempo de modo a chegar ao final de todo um percurso de uma vida profissional. Estes escolhem maximizar as suas protecções, prolongando a duração da situação de *desemprego* até conseguirem remeter os papéis para a reforma. Outros

indivíduos procuram num primeiro momento, prolongar as prestações e num segundo momento, encontrar uma saída viável, ou seja, um emprego em que lhes seja permitido fazer descontos e completar os anos necessários para a obtenção da reforma ou, posteriormente, retornar às prestações de *desemprego*.

Como se pode verificar, são várias as formas e mecanismos que o desempregado recorre de modo a fazer frente à situação de *desemprego*. As *Redes Sociais de Apoio* como a família e a situação económica têm um papel fundamental no modo como o desempregado experiencia a sua situação.

## **CAPÍTULO II**

### **METODOLOGIA**

Neste capítulo são apresentados os objectivos, as hipóteses e questões de investigação do presente estudo. Serão ainda descritas todas as fases de recolha de dados, quais os instrumentos utilizados, as características da amostra e o modo como os dados foram tratados. Neste capítulo, será então apresentado o estudo realizado, cujas características passaremos a descrever.

## **Objectivos**

Os objectivos de investigação representam os elementos da parte teórica e conceptual que se devem investigar. Tendo em consideração a vivência do *desemprego* por parte do indivíduo e todas as suas implicações que este tema acarreta, define-se como principal objectivo da presente investigação compreender o percurso de vida activa do indivíduo e as repercussões que a situação de *desemprego* tem vindo a ter na sua vida. Neste sentido, foram definidos os seguintes objectivos específicos:

- I. Caracterizar os tipos de *desemprego* e desempregados;
- II. Descrever como o desempregado entende o seu percurso profissional;

## **Hipóteses e questões de investigação**

A revisão da literatura, o esforço de conceptualização e contextualização da problemática e a definição dos principais objectivos de investigação sustentaram a formulação de 5 hipóteses e 5 questões de investigação directoras do trabalho aqui apresentado sendo apresentadas e explicadas já de seguida.

**Hipótese 1:** *Os sentimentos relacionados com a perda de emprego relacionam-se com o modo como o indivíduo vive as suas condições de emprego.*

O modo como o indivíduo vive as suas condições de trabalho pode influenciar os sentimentos relacionados com a perda de emprego, na medida em que, se as condições de trabalho são boas, o trabalho tem uma função de integração e a sua perda poderá traduzir-se em sentimentos como a inutilidade, amargura e revolta, angústia e deslocação (Duarte, 1998).

Tal como Jahoda (1982) refere, nem todas as pessoas reagem da mesma maneira quando ficam sem emprego, a forma como o indivíduo vive as suas condições de trabalho pode ser uma dimensão importante na forma como vive o *desemprego*.

**Hipótese 2:** *As consequências da perda de emprego relacionam-se com as funções que o indivíduo atribui ao seu trabalho.*

O trabalho possui várias funções (Salanova et al., 1996), entre as quais a função económica e o estabelecimento de contactos sociais e afectivos e, por estes motivos, o *desemprego*, conduz, em muitos casos a uma quebra na produção de relações sociais, alterações no estilo de vida, no *status quo*, na forma como se é visto e reconhecido pelos outros, ou nas relações de dependência estabelecidas (Caleiras, 2004; Duarte, 1998; Stokes & Cocharane, 1984).

Assim, o desemprego pode destabilizar de tal modo a vida dos indivíduos que estes tendem a criar maus hábitos como fumar, beber, entre outros (Riegle, 1982). Também as actividades de tempos livres de tempos livres são afectadas como os passeios, a compra de vestuário e as férias (Riegle, 1982; Duarte, 1998).

**Hipótese 3:** *As mudanças tecnológicas e políticas, a globalização e reestruturação são os principais factores que levam à perda de emprego.*

Factores como as mudanças políticas e sociais, a globalização e a introdução de novas tecnologias deverão ser considerados no aumento do *desemprego* dado que este ocorre em indivíduos de todas as idades e com habilitações de nível médio/superior.

Killeen (1996) refere que o *desemprego* é o preço a pagar pelas mudanças tecnológicas, pela globalização e pela reestruturação que se vive hoje em dia. Também Arcoverde (1998) aponta a modernização da produção capitalista e a introdução de novas tecnologias como

sendo as causas para o aumento dos valores do *desemprego*. Para além das consequências negativas do *desemprego* afectarem os indivíduos, afectam também a sociedade em geral (Isengard, 2003).

Analisando o contexto sociocultural e político-económico, verifica-se que a sociedade do *Pleno Emprego* tende cada vez mais a adquirir o estatuto de um mito (Parada & Coimbra, 1999/2000).

**Hipótese 4:** *A baixa qualificação e a idade são os principais factores que dificultam o acesso ao mercado de trabalho.*

Os factores idade e qualificação são considerados os factores que mais influenciam o regresso do desempregado ao mercado trabalho. Ribeiro & Coimbra (2004) referem que uma parte significativa da população não detém qualquer qualificação profissional, pelo menos certificada. Na verdade, a maioria das empresas não reconhece os saberes informais adquiridos pelos indivíduos. A baixa formação escolar e a falta de preparação técnico-profissional dos trabalhadores, conduz, inevitavelmente, a maiores dificuldades de adaptação aos processos de modernização tecnológica e/ou administrativa emergentes (Ribeiro & Coimbra, 2004).

A idade surge como outro factor que permite explicar as dificuldades da população activa de meia-idade em arranjar um novo emprego. Os indivíduos de meia-idade parecem sofrer uma discriminação face a indivíduos mais novos por parte das empresas. Esta discriminação parece estar associada a barreiras físicas decorrentes do processo de envelhecimento (Ribeiro & Coimbra, 2004).

**Hipótese 5:** *O desempregado desenvolve estratégias de procura de emprego, realização de trabalho informal e mediadores de compensação.*

Com a perda de emprego, o indivíduo tem tendência a desenvolver estratégias que lhe permitam restabelecer algumas das funções que o trabalho tinha, assim como procurar um novo emprego.

No estudo de Lages (2001), as estratégias mais utilizadas pelos desempregados na procura de emprego são as inscrições nos centros de emprego e a resposta a anúncios.

No que respeita à realização de trabalho informal, Matsu (2009) refere que os desempregados permanecem nas actividades informais por falta de alternativa. Por outro lado, Loison (2000) afirma que os indivíduos que se encontram na economia informal preferem continuar na situação de *desemprego* mesmo não recebendo um subsídio.

Com a desorganização da rotina do desempregado, estes recorrem a várias estratégias para reorganizar e ocupar o seu tempo livre (Lages, 2001). Loison (2000) refere que no meio familiar, quando possível, os homens regressam à pequena agricultura e as mulheres tratam da casa e da ajuda com as crianças e familiares com necessidades de prestação de cuidados. Com o prolongamento do *desemprego*, alguns indivíduos investem o seu tempo na sua formação profissional de modo a adquirir novos conhecimentos e competências aumentando as possibilidades de reingresso ao mercado de trabalho (Loison, 2000).

Questão 1: Que sentimentos apresenta o participante quando perde um emprego?

Questão 2: Quais as consequências da perda de emprego?

Questão 3: Quais foram os motivos que levaram os participantes à situação de desemprego?

Questão 4: Quais os motivos que dificultam o acesso ao mercado de trabalho?

Questão 5: Quais as estratégias desenvolvidas na situação de desemprego?

### **Fases de Recolha de Dados**

Para a recolha de dados do presente estudo, foram contactadas três instituições de Centros de Novas Oportunidades, sendo que apenas uma se mostrou disponível a ter uma reunião para ouvir os objectivos deste estudo. A escolha de um Centro de Novas Oportunidades

deve-se à acessibilidade da população pretendida de desempregados que tenham realizado recentemente um processo RVCC<sup>2</sup> de 9º ano ou 12º ano.

Após a reunião com a directora do centro e com uma coordenadora, foi permitido fazer a recolha de dados na instituição. O primeiro contacto com os participantes foi feito pela própria instituição. Neste primeiro contacto, era confirmada a condição de *desemprego* e era explicitado que uma estudante do último ano do curso de psicologia da universidade do Porto estava a desenvolver um estudo e que agradecia a sua participação. As pessoas que se mostraram disponíveis a participar no estudo deram a permissão necessária para a instituição fornecer os contactos pessoais dos participantes à investigadora. Depois de ter sido dada esta autorização, a investigadora entrou em contacto com cada participante explicando sucintamente os objectivos do estudo, tendo sido pedida permissão para aceder ao seu P.R.A.<sup>3</sup>. Posteriormente perguntou-se aos participantes se estariam disponíveis a realizar uma entrevista de modo a esclarecer alguns dados e conhecer melhor a sua situação, os quais se mostraram disponíveis e receptivos.

Após a leitura dos P.R.A. dos participantes foi elaborado um guião de entrevista (*cf.* Anexo 2) adaptado a cada participante, dado que todos os portefólios contêm informações diversas e específicas a cada indivíduo.

Após a leitura dos portefólios e a elaboração do guião da entrevista contactou-se novamente os participantes de modo a agendar uma entrevista de acordo com a disponibilidade dos mesmos.

No início de cada entrevista, foi dada uma informação mais detalhada acerca dos objectivos do estudo, pedindo-se ainda a confirmação da autorização fornecida por telefone da consulta do seu portefólio através de um documento (*cf.* Anexo 1). Para além desta confirmação de autorização, foi assegurada a confidencialidade dos dados recolhidos no decorrer da entrevista. Solicitou-se ainda a autorização dos participantes para a gravação por voz das entrevistas de modo a facilitar o tratamento da informação. De salientar que a investigadora deixou os participantes à vontade para colocarem questões e até mesmo interromperem a gravação da entrevista caso assim o desejassem.

---

<sup>2</sup> RVCC - Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências.

<sup>3</sup> P.R.A. – Portefólio Reflexivo de Aprendizagens

No final de cada entrevista, que durou em média 55 minutos, a investigadora agradeceu ao participante a sua colaboração colocando-se à sua disposição para devolução dos dados finais da investigação, aquando da conclusão de todo o processo, caso o pretendessem.

## **Instrumentos**

Para a recolha de dados deste estudo foram utilizados dois instrumentos: um guião de entrevista, que deu origem a entrevistas semi-estruturadas e os Portefólios Reflexivos de Aprendizagens dos participantes.

De salientar que se considera a entrevista como o instrumento mais saliente para os resultados desta investigação. Isto é considerado dado que a data de realização do P.R.A., poderia diferir em vários meses da realização da entrevista e alguns dos dados poderão não corresponder à nova realidade de vida do participante.

Dado que o presente estudo é um estudo exploratório com um número de participantes reduzido, a metodologia qualitativa, e dentro desta, a entrevista, apresenta-se como a mais adequada. Esta técnica foi escolhida pela possibilidade que nos dá em recolher a maior quantidade de dados possível, do mesmo modo que permite ao entrevistador orientar a entrevista fazendo com que o entrevistado não se disperse no seu discurso e responda com vista ao problema que lhe foi proposto através do seu guião.

Para a realização das entrevistas, foi elaborado previamente um guião de entrevista (*cf.* Anexo 2) que, considerando os objectivos do estudo, foi organizado em oito categorias principais de nível 1: *dados sócio-demográficos e sócio-profissionais* do participante; *diferentes fases de vida activa e como foram vividas*; *transformação dos modos de vida e consequências do desemprego*; *vantagens e desvantagens da vida activa*; *dificuldades em arranjar emprego*; *imagem da comunidade sobre o desempregado*; *relações familiares e de trabalho*; *atitude perante o desemprego*. De realçar que o guião da entrevista foi construído de acordo com a revisão bibliográfica.

Como já foi anteriormente referido, o guião da entrevista foi utilizado diferentemente entre os participantes. Isto ocorreu também porque o resultado da dinâmica entrevistador - entrevistado determinou que a ordem das questões tenha sido diferente e que algumas

destas questões tenham sido dispensadas em função da informação que ia sendo revelada pelo sujeito e daquela recolhida através dos portefólios.

### **Caracterização da Amostra**

A população - alvo do objecto deste estudo é a população desempregada portuguesa. No que respeita à amostra deste estudo, é do tipo não probabilística, tipo utilizado por Huot (1999) quando a investigação é do tipo exploratória. Quando a investigação é deste tipo, significa que o investigador não se preocupa com a representatividade da amostra e está interessado apenas num comportamento particular. Dado que este trabalho é de tipo exploratório, não é tido como objectivo generalizar os resultados obtidos.

A amostra por conveniência constituiu-se de acordo com um método aleatório de amostragem com vista a abarcar os objectivos deste estudo. A amostra foi então constituída por 15 desempregados que tinham concluído através do processo RVCC o 9º ou o 12º ano, 3º ciclo do ensino básico ou ensino secundário no Centro de Novas Oportunidades da Escola Secundária de Alfena. A média de idades entre os participantes é de 47 anos e meio, sendo que o participante mais novo tem 35 anos e o mais velho tem 59 anos. De referir ainda que apenas um dos participantes é desempregado de curta duração, sendo os restantes de longa duração (*cf.* Anexo 3). Inicialmente, a amostra seria de 18 participantes, no entanto, com a morosidade do processo de contacto e acesso aos portefólios dos participantes, dois destes conseguiram sair da situação de *desemprego* antes da realização da entrevista. O outro participante, após ter marcado por duas vezes a entrevista não compareceu, deixando de responder às tentativas de contacto por parte da investigadora. De salientar ainda o facto de esta amostra poder ser considerada voluntária, pois os sujeitos aceitaram voluntariamente participar na investigação.

### **Tratamento de Dados**

Para a realização deste trabalho foi adoptada uma abordagem qualitativa para estudar o desemprego enquanto problema de investigação. São várias as técnicas de recolha de dados que podem ser utilizadas na investigação qualitativa, nesta investigação em particular, foi utilizada a entrevista como já foi anteriormente referido. O objectivo desta técnica é desenvolver uma conversa com a finalidade de recolher informação junto do entrevistado. Numa fase anterior à realização das entrevistas, e de acordo, com a revisão bibliográfica e os objectivos do estudo foi elaborado e organizado o guião das entrevistas em oito categorias como já foi referido anteriormente.

Com o auxílio do programa de *software* adequado à análise de dados de carácter qualitativo, QSR NVIVO7, foi possível importar os documentos da transcrição das entrevistas para o programa de modo a serem utilizadas posteriormente. O recurso a este programa informático, NVIVO7 é fundamental neste estudo pois facilita o manuseamento e exploração de dados de carácter qualitativo.

Depois de recolhidos os dados, procedeu-se à identificação, transcrição e organização dos mesmos. A identificação diz respeito ao registo realizado durante ou imediatamente após a recolha de dados, nomeadamente à data, hora, local e sujeitos a que se reportavam os dados. A transcrição consistiu em transcrever as entrevistas Semi-estruturadas gravadas via áudio para formato *Word*. De salientar que este processo é fundamental para conhecer mais pormenorizadamente as entrevistas.

Posteriormente, recorreu-se à análise de conteúdo categorial, através do NVIVO7, que consiste na divisão das componentes das mensagens analisadas em categorias e subcategorias criadas à priori. Outras categorias foram criadas à posteriori de acordo com a informação recolhida nas entrevistas. Na divisão das componentes das mensagens recorreu-se a dois processos: o processo de categorização e o processo de codificação. O processo de categorização consiste na criação de categorias ou subcategorias através da análise dos dados. A árvore destas categorias e subcategorias, assim como a frequência absoluta relativa ao número de participantes e número de referências em cada uma delas, serão apresentadas de forma pormenorizada em anexo (*cf.* Anexo 4). O processo de codificação consiste, precisamente, em seleccionar a porção de texto transcrito que corresponde à categoria ou subcategoria criada anteriormente. A codificação serve no fundo para agrupar toda a informação referente a determinada categoria de todos os participantes num único local dentro do programa NVIVO7.

Após o processo de categorização e codificação procedeu-se à interpretação dos dados. Para a interpretação destes organizamos a informação das categorias criadas de acordo com os nossos objectivos, questões e hipóteses de investigação para cada um dos participantes.

Apresentada a metodologia da presente investigação, definição de objectivos, hipóteses e questões de investigação, fases da recolha de dados, instrumentos utilizados, caracterização da amostra e tratamento de dados, proceder-se-á, no próximo capítulo, à apresentação e discussão dos principais resultados a que esta conduziu, reflectindo, posteriormente, acerca das principais conclusões e implicações para a investigação.

---

**CAPÍTULO III**

**RESULTADOS**

## APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Considerando os Objectivos, Questões de Investigação e Hipóteses, serão apresentados neste capítulo os resultados obtidos da análise dos Portefólios Reflexivos de Aprendizagens e das Entrevistas dos quinze participantes da nossa investigação.

### **O1: Caracterizar os tipos de desemprego e desempregado.**

Tendo em conta o primeiro objectivo do nosso estudo e considerando a definição de desempregado de curta e longa duração apresentada pelo Instituto Nacional de Estatística, verificou-se que todos, excepto um dos participantes, são *desempregados de longa duração* (cf. Anexo 3). O participante 5 é *desempregado de curta duração* dado que se encontra nesta situação há um mês. De referir que os tempos de *desemprego* dos participantes entrevistados se situou entre um mês e 15 anos (cf. Anexo 3).

Os tipos de desemprego, que de acordo com o modelo de Schnapper (1981; cit. in Duarte, 1998) foi possível identificar no nosso estudo foram dois: o *Desemprego Diferido* e o *Desemprego Total*. Estes tipos de *desemprego* foram identificados em três participantes (8,11 e 12), no caso do *Desemprego Diferido* os participantes 8 e 12 e no caso do *Desemprego Total* o participante 11.

As fases do desemprego que pudemos identificar no nosso estudo de acordo com o modelo apresentado por Jahoda (1982) foram quatro: “*Choque, Alívio e Relaxamento*”, “*Esforço Concertado*”, “*Balanço, Dívida e Raiva*”, “*Conformação e Retirada*”. Foi possível identificar algumas características destas fases em treze participantes (1,2,3,4,5,6,7,9,10,11,13,14 e 15). No caso da fase *Choque, Alívio e Relaxamento* foi identificado um participante (5), na fase *Esforço Concertado*, quatro participantes (1,2,3 e 9), na fase *Balanço, Dívida e Raiva* cinco participantes (1,3,4,9 e 11) e na fase *Conformação e Retirada*, oito participantes (2,6,7,10,11,13,14 e 15). De salientar que cinco participantes (1,2,3,9 e 11) apresentam características que podem ser encontradas simultaneamente em duas fases. Tal como Jahoda (1982) refere, a descrição do que ocorre

em cada fase do *desemprego* é simplesmente orientadora dado que nem todas as pessoas que ficam sem emprego reagem da mesma forma.

Relativamente aos tipos de *desemprego*, apurou-se que no caso do tipo de *Desemprego Diferido*, duas participantes (8 e 12) apresentam características relacionadas com este tipo de *desemprego*. Estas participantes encontram-se a realizar ou à espera de realizar um curso EFA<sup>4</sup> com o objectivo de melhorarem as suas qualificações e experiências. A participante 8 encontra-se à espera também de realizar um curso EFA mas noutra área, estética e cosméticos. De referir que a profissão anterior desta participante estava relacionada com a distribuição de flores e que com este curso pretende *regressar diferentemente ao mercado de trabalho* (Araújo, 2007). A participante 12 encontra-se a realizar o curso EFA de modulação e vestuário para aprofundar mais os seus conhecimentos sobre a área e poder vir a ter mais oportunidades de emprego. Considerou-se que ambas participantes fizessem parte deste tipo de *desemprego* dado que estas aproveitam o tempo de *desemprego* para preparar a reentrada no mercado de trabalho melhorando as suas qualificações de modo a adquirir novas ferramentas para conseguir obter um novo emprego (Araújo, 2007; Schnapper, 1981; *cit. in* Duarte, 1998). No tipo de *Desemprego Total* apenas foi possível identificar uma participante que reunisse características desta fase, a participante 11. Esta refere que perdeu completamente a confiança nas pessoas e que não tem qualquer motivação para procurar um novo emprego.

No que respeita às fases do *desemprego*, foi possível identificar sentimentos e atitudes por parte dos participantes que podem ser encontrados em determinadas fases do *desemprego* apresentadas pelo modelo de Jahoda (1982).

Apenas um participante (5) apresenta características correspondentes à primeira fase do modelo de Jahoda (1982), *Choque, Alívio e Relaxamento*. Este participante confessa encontrar-se num período de grande ansiedade e stress no que respeita ao seu futuro dado que se encontra à espera da resposta a uma proposta de emprego. Os sentimentos por si apresentados de esperança e ansiedade enquadram-se nesta fase.

Quatro participantes (1,2,3 e 9) apresentam características relativas à fase *Esforço Concertado* do modelo de Jahoda (1982). O apoio familiar, a grande vontade de retornar ao mercado de trabalho, preocupações de cariz económico devido ao sentimento de dever e

---

<sup>4</sup> Curso EFA – curso de Educação e Formação de Adultos.

responsabilidade sustentar a família são os sentimentos que os participantes apresentam nas suas descrições da vivência do *desemprego*: “a nível pessoal senti-me ainda mais mimada do que alguma vez fui, porque a minha família tentou, de todas as formas que eu não me sentisse mal” (1); “primeiramente está voltar ao emprego” (2); “é difícil, não é fácil, porque uma pessoa quando é o chefe de família e tem uma família para sustentar, e ver o chão a fugir dos nossos pés, não é fácil” (9). Estas características enquadram-se nesta segunda fase do modelo proposto por Jahoda (1982).

Cinco participantes (1,3,4,9 e 11) apresentam características relativas à fase *Balanço, Dúvida e Raiva* do modelo de Jahoda (1982). Sentimentos de frustração (4 e 11), revolta (1) e o sentimento de se tornar um peso para a família (3 e 9) são apresentados por estes participantes. Estes sentimentos são encontrados no modelo *Balanço, Dúvida e Raiva* proposto por Jahoda (1982).

São oito os participantes (2,6,7,10,11,13,14 e 15) que apresentam características relativas à última fase do modelo de Jahoda (1982), *Conformação e Retirada*. Sentimentos de insignificância (11), inutilidade (2), descontentamento (2), diminuição de auto-estima (11) a desistência de procura emprego (6,7,10,11,13,14 e 15) correspondem às características deste modelo. De referir que estes sentimentos foram também encontrados noutros estudos (Ahn et al., 2004; Stokes & Cocharane, 1984 Kokko et al., 2000; Pinheiro & Monteiro, 2007). O facto de todos estes participantes serem desempregados de longa duração contribui, de acordo com Jahoda (1982), para a progressiva perda de vontade de procura de emprego, havendo por isso uma perda de auto-estima e motivação como resposta à frustração de não encontrar um emprego.

Cinco participantes (1,2,3,9 e 11) apresentam sentimentos e características que podem ser encontradas em diferentes fases do modelo proposto por Jahoda (1982). Tal como Jahoda (1982) refere, o seu modelo estabelece apenas linhas orientadoras de como os desempregados encaram a sua situação pois nem todos reagem da mesma forma. O que se pode depreender com estes participantes é que se podem encontrar numa fase de transição de uma fase para outra. Tomemos como exemplo as participantes 4 e 11, estas apresentam o sentimento de frustração característico da fase *Balanço, Dúvida e Raiva* no entanto a sua auto-estima diminuiu perdendo com isto, a motivação de procurar um emprego, características estas da fase *Conformação e Retirada*.

**H1: Os sentimentos relacionados com a perda de emprego relacionam-se com o modo como o indivíduo vive as suas condições de emprego.**

Considerando a hipótese 1 do nosso estudo, procuramos compreender o que sentem os nossos participantes quando ficam sem emprego e quais as condições que tinham no seu antigo local de trabalho.

Relativamente aos sentimentos verbalizados pelos participantes, a maior parte dos participantes, mais precisamente onze (1,2,3,4,7,8,9,11,13, 14 e 15), mencionam sentimentos após a perda de emprego. A participante 6 mostrou-se incapaz de descrever os seus sentimentos quando se deparou com esta situação. Os restantes participantes (5, 10 e 12) não mencionaram sentimentos relativamente à perda de um emprego.

Para além dos sentimentos que os participantes apresentaram quando ficaram sem emprego, procurou-se também compreender como eram as suas condições de trabalho. Apurou-se que para a maior parte dos participantes as condições de trabalho eram boas (1,2,7,8,10,12,13 e 14). Para dois dos participantes (11 e 15) as condições de trabalho a que estavam sujeitos foram consideradas más e os restantes participantes (3,4,5,6 e 9) não mencionaram como eram as suas condições de trabalho.

Os sentimentos apresentados pelos participantes na perda de um emprego são: a Inutilidade (1,2 e 9), a Tristeza (1 e 14), o Desamparo (1), a Revolta (1), a Desilusão (2), o Descontentamento (2), a Saturação (3), a Frustração (4 e 11), a Desmotivação (4), Pena (7), Horror (8), Depressão (13), Insignificância (11) e Alívio (15).

De acordo com a nossa hipótese, procurou-se conhecer qual a relação que os participantes estabeleciam entre o que sentem na situação de *desemprego* e o que viveram no emprego. Os participantes que apresentaram sentimentos negativos (1,2,7,8,13 e 14) com a perda de emprego como inutilidade, descontentamento, pena, desilusão, depressão e horror, mantinham, no seu local de trabalho, um bom ambiente. Este ambiente caracterizava-se pelas boas relações que estabeleciam no trabalho (1, 2,7,8,13 e 14), com colegas, com patrões e pelo gosto do trabalho (8,13 e 14) que desenvolviam. Uma participante (11) verbalizou sentimentos negativos que se relacionam com um ambiente de trabalho caracterizado por relações de desconfiança “*deixei de acreditar nas pessoas depois de ter tido o negócio do café*”.

Uma participante (15) verbalizou sentimentos positivos quando perdeu o emprego: alívio “quando perdi o emprego senti-me completamente aliviada (...) eles tratavam muito mal as pessoas nunca vi ninguém tratar assim os funcionários”. Aqui verifica-se a tese de Salanova (et al., 1996), mediante as condições de trabalho, o mesmo pode tornar-se disfuncional. Este sentimento de alívio representa para a participante uma libertação das condições de trabalho adversas que vivia no seu antigo emprego. Esta considerava que ela e os seus colegas de trabalho estavam sujeitos a demasiada pressão e consequentes maus tratos psicológicos. De salientar que o sentimento de alívio mencionado pela participante 15 se deve distinguir da fase *Choque*, *Alívio* e *Relaxamento* referenciada por Jahoda (1982). Para esta autora, o alívio é entendido como uma redução do stress, que é desenvolvido no período imediatamente anterior à perda de emprego devido à incerteza.

O participante 5 menciona que não apresenta sentimentos negativos relativamente à perda de um emprego porque tem sempre vindo a encontrar novos empregos. Este facto pode justificar a ausência de sentimentos de inutilidade referido por Duarte (1998).

Com estes dados verifica-se que a hipótese 1 é corroborada pela maioria dos participantes, oito em quinze (1,2,7,8,11,13,14 e 15). Para estes participantes, os sentimentos associados à perda de emprego relacionam-se com o modo como viveram as suas condições de trabalho. Nos exemplos apresentados, a perda de emprego pode ser vivida de uma forma mais positiva (15) ou mais negativa (1,2,7,8, 11, 13 e 14) e esta vivência relaciona-se com o trabalho e as condições em que este foi realizado. Nos restantes participantes (sete em quinze - 3,4,5,6,9,10 e 12), não foi possível identificar sentimentos (5,6,10 e 12) na perda de um emprego ou como eram as condições de trabalho (3,4,5,6 e 9) a que estavam sujeitos.

**H2: *As consequências da perda de emprego relacionam-se com as funções que o indivíduo atribui ao seu trabalho.***

Considerando a hipótese 2 do nosso estudo, procuramos identificar, de acordo com a literatura, quais as consequências (Araújo, 2007; Duarte, 1998; Jahoda, 1982; Loison, 2000; Riegle, 1982) apresentadas pelos participantes na perda de emprego e quais os aspectos (Salanova et al., 1996) que os participantes mais valorizam no trabalho.

Considerando as consequências da perda de emprego, A maior parte dos participantes (1,3,4,5,6,7,8,9,10,11,13,14 e 15) apresentam várias consequências decorrentes da perda de emprego. A participante 2 considera que “*estar sem emprego tem todas as desvantagens*” e a participante 12 não menciona consequências pela perda de emprego pois refere que “*iria continuar com o seu trabalho de costura em casa*”.

Considerando as funções do trabalho, foi possível identificar na maior parte dos participantes (1,2,3,4,5,6,7,8,9,11,12,13,14 e 15) quais as funções que o trabalho desempenha na sua vida.

Relativamente às consequências, a maioria dos participantes, indicam as dificuldades económicas (3,4,6,8,10,13 e 15). Outras consequências são mencionadas: o isolamento (1,8,9 e 11), a organização dos horários (4,7,13 e 14), a falta de colegas de trabalho (4 e 6), as perturbações do sono (9 e 13), o stress (5) e a diminuição da Auto-estima (11).

Relativamente aos aspectos valorizados no trabalho, o aspecto mais valorizado é a dimensão económica (1,2,3,4,5,6,7,9,11,12,13,14 e 15). Outros aspectos foram também mencionados como a interacção e contactos sociais (1,4,6,8 e 14), ocupação de um lugar na sociedade (1,2,8 e 9) como refere o participante 9 “*Sente-se útil, não é uma pessoa já inutilizada para a sociedade mas está inserida na sociedade, é útil*”, dar um sentido à vida (1,4,8 e 9) como refere a participante 8 “*uma pessoa sente-se mais interactiva, sente-se que faz alguma coisa pelos outros e por ela própria também*”, é uma fonte de identidade social (1,11 e 14) como refere a participante 11 “*era bom ser uma costureira profissional*”, estrutura o tempo (1,2 e 9) e permite o desenvolvimento de habilidades e competências (1 e 4). Através da entrevista realizada não foi possível compreender quais os aspectos que a participante 10 mais valoriza no trabalho, não apresentando qualquer tipo de vantagem em estar empregada. A própria refere que não sabe “*porque apesar de não estar empregada, sinto-me bem porque tenho uma vida muito activa*”.

Relativamente à relação entre aspectos valorizados no emprego e as consequências da sua perda, oito participantes (1,3,4,6,8,9,13,e 15) estabeleceram relações. Sete participantes (2,5,7,10,11,12, 14) não estabeleceram relações.

Relativamente à dimensão económica do emprego, verificou-se que cinco participantes (3,4,6,13 e 15) entre os treze que valorizam a dimensão económica consideram as dificuldades económicas como consequência da perda de emprego.

Um outro resultado interessante que estes dados indicam é que a função económica do trabalho, sendo valorizada pela maioria dos participantes, nem sempre está associada a dificuldades económicas quando se perde o emprego. A função económica do trabalho pode ser obtida de outra forma já que, para oito (1,2,5,7,9,11,12 e 14) dos treze participantes que a valorizam, a perda de trabalho não parece conduzir a dificuldades económicas.

Relativamente aos aspectos sociais do trabalho e as consequências da sua perda, sete participantes (1,2,4,6,8,9 e 14) valorizam esta dimensão. Para quatro participantes (1,2,8 e 9), o trabalho permite obter um lugar na sociedade e entre estes quatro, três participantes (1,8 e 9) consideram que perder o trabalho teve como consequência o isolamento. Para cinco participantes (1,4,6,8 e 14), o trabalho permite a interacção e contactos sociais e entre estes cinco, dois (4 e 6) consideram que perder o trabalho teve como consequência a falta de colegas de trabalho.

Para a maioria dos participantes, cinco em sete (1,4,6,8 e 9) que valorizam os aspectos sociais do seu emprego (interacção, contactos sociais e um lugar na sociedade), a sua perda conduz ao isolamento e perda de amigos de trabalho. Assim, enquanto que a dimensão económica do trabalho parece ser compensada na situação de perda de emprego, a função social do emprego não é ultrapassada na situação de *desemprego*.

Relativamente à nossa hipótese, considerando os aspectos mais valorizados no trabalho, as dimensões económicas e sociais, verifica-se que estas dimensões têm consequências na perda de emprego para a maioria dos nossos participantes, oito em quinze (1,3,4,6,8,9,13 e 15). Assim, as consequências da perda de emprego relacionam-se com as funções que o trabalho desempenha para o indivíduo. Isto significa que, dependendo do modo como o trabalho é valorizado, as consequências sentidas com a perda de emprego serão diversas.

## ***O2: Descrever como o desempregado entende o seu percurso profissional.***

Considerando o segundo objectivo do nosso estudo, procuramos compreender:

- A centralidade do trabalho na vida dos participantes;

- A idade com que os participantes iniciaram o seu percurso profissional e os motivos pelos quais ingressaram no mercado de trabalho;
- As transições do percurso profissional dos nossos participantes e as experiências profissionais;
- As razões da participação do processo RVCC.

Relativamente à centralidade do trabalho na vida dos participantes, oito participantes (1,2,4,6,8,9,11 e 14) consideram que o trabalho assume um papel central na sua vida. A participante 1 demonstra a importância que o trabalho tem para si através da expressão “*ao fim de quase 39 anos de trabalho, fiquei sem trabalho nenhum, já tinha a vida formada, já tinha o meu mundo, e de um momento para o outro, fiquei sem o meu mundo, fiquei sem tapete*”. Os restantes sete participantes não mencionaram a centralidade do trabalho na sua vida.

No que respeita à idade que os participantes iniciaram o seu percurso profissional, verificou-se que os participantes da nossa amostra iniciaram a sua actividade profissional entre os 11 e os 17 anos. Com uma excepção temos a participante 4 que iniciou a sua actividade aos 40 anos sendo que, desde os 14 anos desempenha uma actividade informal ligada às explicações. Em relação aos motivos pelos quais ingressaram no mercado de trabalho, seis participantes (2,4,8,9,14 e 15) começaram a trabalhar por sua opção. Os restantes participantes (1,3,5,6,7,10,11,12 e 13) iniciaram a sua actividade profissional imediatamente após a conclusão da escolaridade obrigatória por imposição dos pais (1,5,6,11 e 13) ou por dificuldades económicas (3,7,10 e 12).

Entre os nove participantes que iniciaram a actividade profissional imediatamente após a conclusão da escolaridade obrigatória, quatro (3,7,12 e 13) gostariam de ter prosseguido os estudos. Entre os seis participantes que iniciaram a actividade profissional por opção própria, apenas uma participante (15) gostaria de ter tomado outra decisão.

Relativamente à experiência profissional dos nossos participantes, três (1,4 e 14) mantiveram o emprego na mesma empresa; entre os doze participantes que tiveram mais do que um emprego, cinco (2,5,8,12 e 15) mantiveram as mesmas funções tendo estas sido desempenhadas em empresas distintas; sete participantes (3,6,7,9,10,11 e 13) desempenharam funções distintas em empresas distintas. Dois participantes (6 e 13) tiveram funções distintas em empresas distintas, no entanto as funções desempenhadas

foram complementares em ambos os casos, a confecção e a venda de roupa. Assim, ao longo do percurso profissional, oito participantes (1,2,4,5,8,12,14 e 15) mantiveram sempre as mesmas funções, cinco (3,7,9,10 e 11) mudaram as funções e dois (6 e 13) mudaram as funções mas estas são complementares no sentido de um alargamento dos conhecimentos ligados à confecção.

No que respeita às razões pelas quais os participantes mudaram de emprego, verificou-se que, todos os participantes (2,3,5,6,7,8,9,10,11,12,13 e 15) que tiveram mais do que uma experiência profissional apresentaram razões da mudança de emprego. As razões apresentadas pelos participantes prendem-se com um melhor salário (2,6,7,9,10,11,12 e 15), criação do próprio emprego (3,6 e 8), motivos familiares (13), aviso da falência da empresa (5), despedimento (9), desentendimentos (3) e pela distância de casa ao local de trabalho (3 e 7).

O balanço final dos participantes (3,6,7,8 e 11) que criaram o próprio emprego difere de uns para os outros. De acordo com dois participantes (3 e 11) esta experiência teve um saldo negativo, para os outros três participantes (6,7 e 8) a experiência foi bastante gratificante por várias razões: possibilidade de executar funções diversas e complementares (6), possibilidade de conciliar a vida profissional e familiar (7) e a possibilidade de realizar um trabalho que gosta (8): *“na loja de noivas, desempenhava várias funções, nomeadamente, atender ao balcão, criação de moldes e confecção dos tecidos que cortava como os vestidos de noiva”* (6), *“permitiu-me passar mais tempo em casa e acompanhar o crescimento das minhas três filhas”* (7), *“sempre foi uma coisa que adorava fazer e eu consegui superar todas as expectativas que tinha no início, uma pessoa fica sempre um pouquinho receosa mas com esperança é que as coisas deram certo”* (8).

No que respeita às razões da participação no processo RVCC, dez participantes (2,3,4,6,8,11,12,13,14 e 15) viram o processo RVCC como uma oportunidade de retomar os estudos que interromperam quando eram mais novos. São seis os participantes (1,5,7,8,10 e 15) que também vêem a sua participação no processo RVCC como uma forma de concretização pessoal, de retomar um percurso escolar que não deveriam ter abandonado. Outros (3,4 e 9) vêem o processo RVCC como uma oportunidade de melhorar as suas qualificações que lhes permitam um melhor acesso ao mercado de trabalho. A participante 1 encarou este processo também como uma forma de ocupar o seu tempo e

sair de casa. Quatro participantes (1,3,12 e 15) consideram que a realização do processo RVCC os fez sentir bem, úteis e com mais confiança sem ter medo de mudar.

De acordo com a tese de Duarte (1998) acerca da exclusão social, o processo de exclusão social pode ser o resultado de um conjunto de factores que se pode iniciar na família, no percurso escolar e com o afastamento do mercado de trabalho. Com os dados obtidos foi possível observar que nove dos participantes foram levados a acabar os estudos após a conclusão da escolaridade obrigatória. Por si só, este é já um factor que pode contribuir para que o indivíduo se sinta como “*excluído*”. A acrescentar a este factor, temos a situação de *desemprego* e o tempo da duração do *desemprego* dos participantes, pelo menos dois anos com excepção do participante 5. Estes participantes podem ter uma maior probabilidade de se virem a sentir como “*excluídos*” pelo conjunto de factores que para a exclusão contribuem. Também o facto de os participantes terem concluído apenas a escolaridade obrigatória até à realização do processo RVCC podia, de acordo com a sua perspectiva, contribuir para uma maior limitação de acesso ao mercado de trabalho. Talvez por este motivo é que alguns participantes (3,4 e 9) consideram o processo RVCC como um meio claro de obtenção de um diploma tendo em vista conseguir, através dele, uma maior possibilidade de acesso ao mercado de trabalho.

***H3: As mudanças tecnológicas e políticas, a globalização e reestruturação são os principais factores que levam à perda de emprego.***

Considerando a nossa hipótese 3, procurou-se compreender quais os motivos pelos quais os participantes da nossa amostra ficaram sem emprego.

No que respeita aos motivos do *desemprego* apontados pelos nossos participantes, pudemos verificar que estes se relacionam com a reestruturação da empresa (9), precariedade do trabalho (fim de contrato de trabalho - 5), opção própria (3,4,6,7,8,10,11,13 e 15) e por falência da empresa (1,2,12 e 14).

Os participantes que apresentaram como motivos a opção de ficar sem emprego, justificaram a sua opção. As razões apresentadas pelos participantes que optaram por renunciar ao trabalho prendem-se com as más condições de trabalho (15), dificuldades em

conciliar a vida profissional com a vida familiar (3 e 6), dificuldades económicas da empresa (13), incumprimento do contrato de trabalho (10) e por não ter a necessidade de trabalhar (4). No caso dos participantes que criaram o próprio emprego, as razões são principalmente económicas, por dificuldades financeiras da própria empresa (7), por conflitos com o sócio (11) ou por problemas familiares (8).

Outras razões são avançadas por quatro participantes (1,2,3 e 15) para explicar a situação de desemprego vivida por grande parte da nossa população. Para estes participantes, a situação de desemprego tem origem em factores externos ao desempregado, ligando-se à conjuntura económica e do emprego que se vive actualmente. As participantes 1 e 15 tinham a concepção de que só não trabalhava quem não queria, no entanto, quando se depararam com esta situação compreenderam que as coisas não são tão simples quanto pensavam.

Relativamente à nossa hipótese, foi possível verificar que dez participantes (1,2,5,7,9,10,12,13,14 e 15) a apoiam dado que ficaram sem emprego ou renunciaram a ele pelas consequências da crise económica que se vive no nosso país. Estas consequências passam pelas reestruturações das empresas (9), pela precariedade do trabalho (5), condições de trabalho (15), incumprimento do contrato de trabalho (10), pelas dificuldades económicas da empresa e de competitividade do mercado (1,2,7,12,13 e 14). Estes factores são externos ao indivíduo, não conseguindo por isso, controlá-los. Os factores aqui mencionados que conduzem à perda de emprego são mencionados nos estudos de Carneiro (2005; *cit. in* Cachapa, 2007) e Killeen (1996). Em cinco dos participantes (3,4,6,8 e 11) os motivos do *desemprego* nada têm a ver com as mudanças tecnológicas e políticas, globalização e reestruturação mas sim, com factores de cariz pessoal e relacional como já foi anteriormente referido.

**H4: A baixa qualificação e a idade são os principais factores que dificultam o acesso ao mercado de trabalho.**

Considerando a nossa hipótese 4, foi solicitado aos participantes do nosso estudo que enumerassem as dificuldades que sentidas em retornar ao mercado de trabalho.

Os factores que dificultam o acesso ao mercado de trabalho identificados pelos nossos participantes foram: a organização do Governo (2,6, e 14), a idade (1,3,4,5,8,9,10,12,13,14 e 15), as qualificações (3,9,10 e 13), o conhecimento das novas tecnologias (4), a falta de experiência (7) e os valores da remuneração oferecidos pelas entidades empregadoras (11). Como se pode verificar com os dados recolhidos, os factores idade e qualificações são os mais apontados pelos participantes como aqueles que mais dificuldades trazem no retorno ao trabalho tal como referem Ribeiro & Coimbra (2004) no seu estudo. Os autores referem que a falta de preparação técnico-profissional conduz a um aumento das dificuldades de adaptação aos processos de modernização. A participante 4 vai ainda mais longe referindo que *“as pessoas não ajudam quem está desempregado”*. Para esta participante, a dificuldade em retornar ao mercado de trabalho residiria, para além da qualificação, na desadequação das características dos mais idosos aos contextos de trabalho, *“os mais velhos têm muito conhecimento mas não sabem trabalhar com as novas tecnologias”*.

No que respeita à opinião dos participantes relativamente ao regresso ao mercado de trabalho, foi possível verificar que grande parte dos nossos participantes (2,5,6,7,8,9,10,11 e 12) considera que os desempregados não querem regressar ao mercado de trabalho enquanto têm acesso ao subsídio de *desemprego*, preferindo deste modo, manter a sua situação. A participante 8 descreve uma situação em que necessitava de colaboradores para a sua empresa onde chegou a entrevistar *“várias pessoas e elas chegavam lá e perguntavam se era para fazer descontos, se era para ter caixa e eu dizia que sim, que era para ter tudo direitinho, como a lei manda. As pessoas diziam-me que então não queriam, porque estavam a receber o subsídio de desemprego e se trabalhassem, deixavam de o receber.”* Isto corrobora a tese de Araújo (2007) de que os desempregados acabam por se tornar dependentes do Estado. A contrariar a tese de Araújo (2007) verifica-se que três participantes (1,2 e 3) da nossa amostra têm direito ao subsídio de *desemprego* mas que antes preferem realizar POCs a estar em casa todo o dia. O participante (5) que também se encontra a receber o subsídio de *desemprego*, encontra-se à espera da resposta a uma proposta de emprego não tendo ficado mais de dois meses na situação de *desemprego*.

Relativamente à nossa hipótese, esta é apoiada pela maior parte dos nossos participantes referindo que a idade (1,3,4,5,8,9,10,12,13,14 e 15) e as qualificações (3,9,10 e 13) são os principais factores que mais entraves colocam no seu regresso ao mercado de trabalho. Um outro aspecto a ser referido prende-se com a opinião de grande parte da nossa amostra acerca da atitude dos desempregados perante a sua situação. Os nossos participantes

(2,5,6,7,8,9,10,11 e 12) consideram que os desempregados não querem regressar ao mercado de trabalho pelo menos enquanto mantiverem o subsídio de *desemprego*, preferindo por isso, manter a sua situação. Considerando que quatro participantes se encontram a receber o subsídio de *desemprego* na nossa amostra, nenhum deles demonstrou uma atitude passiva ou comodista perante a sua situação, contrariando por isso, a opinião dos participantes.

***H5: O desempregado desenvolve estratégias de procura de emprego, realização de trabalho informal e mediadores de compensação.***

Considerando a hipótese 5 do nosso estudo, foi possível identificar algumas das estratégias utilizadas pelos participantes do nosso estudo.

Relativamente às estratégias de procura de emprego, os participantes mencionaram as seguintes: inscrição no centro de emprego (1,2,3,4,5,6,7,8,9,12 e 15), entrega de currículo nas empresas (1,3,9,14 e 15), inscrição no CNO (3,4,9), resposta a anúncios (2,3 e 9), ligações para as empresas (3 e 9), criação do próprio emprego (8), inscrição em empresas de trabalho temporário (5). Como se pode verificar, a estratégia mais utilizada pelos participantes na procura de emprego é a inscrição nos centros de emprego tal como Lages (2001) refere no seu estudo. Apesar de alguns participantes (6,7,14 e 15) terem desistido de procurar emprego referiram as estratégias que desenvolveram no passado para o conseguir. Alguns participantes (10,11 e 13) não referiram qualquer tipo de estratégia de procura de emprego. Dos participantes da nossa amostra, a maioria (1,2,3,4,5,8,9 e 12) pretende regressar ao mercado de trabalho. Para três participantes (3,4 e 9), o processo RVCC é uma forma clara de ingressar no mercado de trabalho.

Considerando as estratégias desenvolvidas para procurar um emprego, interrogamo-nos sobre se a diversidade de empregos em diferentes funções e em diferentes empresas estaria associada a uma maior utilização de estratégias de procura de emprego. Esta hipótese supõe que a diversidade de experiências profissionais permite a aquisição de conhecimentos e competências e o estabelecimento de uma rede de relações sociais que possibilitam enfrentar a procura de emprego com maior segurança e confiança. Verificou-se que entre os sete participantes com maior número de experiências profissionais

(3,6,7,9,10,11 e 13), apenas dois (3 e 9) utilizaram várias estratégias (quatro e cinco) na procura de emprego. Outros participantes (6 e 7) recorrem apenas a uma estratégia e os restantes participantes (10,11 e 13) não utilizam qualquer tipo de estratégias de procura de emprego. Com isto, verificou-se que não parece existir uma relação entre a diversidade de experiências profissionais e uma maior utilização de estratégias de procura de emprego.

Relativamente ao mercado de trabalho paralelo ou trabalho informal, verificou-se que oito participantes (3,4,6,10,12,13,14 e 15) fazem parte desta economia paralela. Esta participação no mercado pode ocorrer, de acordo com Matsu (2009), pela falta de alternativas de acesso ao mercado formal. As actividades informais referenciadas pelos participantes são: o transporte de mercadorias e pinturas de casas (3), arranjos de costura (6 e 12), limpezas (10 e 15), tomar conta crianças (14) e a prestação de cuidados a idosos (13). Estas actividades permitem a obtenção de algum dinheiro (3,4,6,10,12,13,14 e 15) e ocupam o tempo livre (3,4,6,10,12 e 15).

Tal como Loison (2000) refere, o tipo de trabalho informal mais frequente nas mulheres são aqueles que dizem respeito à costura (6 e 12), cuidado de crianças (14) e as actividades de limpeza (10 e 15). No nosso estudo foi possível constatar que cinco (6,10,12,14 e 15) das doze participantes do sexo feminino do nosso estudo praticam este tipo de trabalho informal.

No que se refere aos mediadores de compensação, verificamos que treze participantes (1,2,3,4,5,6,7,8,9,10,11,12 e 15) desenvolvem actividades de modo a reduzir os efeitos negativos da perda de emprego. O recurso a este tipo de estratégias pode suscitar um tipo de vivência do *desemprego* mais integrada e independente tal como Araújo (2007) refere no seu estudo. Nesta análise foram encontradas duas formas de mediadores de compensação, o *Estado Social* e as *Actividades de Substituição*.

Considerando que o *Estado Social* referido por Araújo (2007) atribui ao desempregado um subsídio de *desemprego*, apenas quatro dos nossos participantes (1,2,3 e 5) têm direito a esta fonte de rendimento fixa e segura por determinado período de tempo. Os programas ocupacionais facultados pelos centros de emprego são realizados por três participantes (1,2 e 3). Foram os próprios que se voluntariaram para a realização destes programas. O participante 3 foi para este programa com a esperança de ficar com um emprego na escola onde realizou o POC, o que acabou por não ocorrer. No fundo, os participantes que realizaram programas ocupacionais têm a esperança de conseguir, através deste, ficar a

trabalhar no local onde o realizaram o que não ocorreu com nenhum dos nossos participantes tal como verificou Araújo (2007) no seu estudo.

As participantes 4 e 15 demonstram que pretendem ganhar tempo e prolongar as prestações de desemprego até conseguirem meter os papéis para a reforma: *“faço os meus descontos para ter algum para a reforma”* (4) e *“O que me faz mais falta é um dia mais tarde quando estiver reformada os anos de trabalho para o dinheiro e para o seguro de doença que não tenho direito estando desempregada”* (15).

Considerando as *Actividades de Substituição* mencionadas por Araújo (2007), estas permitem ao indivíduo adquirir algumas estratégias de adaptação à perda de emprego.

Os participantes da nossa amostra exercem actividades não remuneradas onde arrumam a casa, cuidam da família (2,9,10 e 11) e ajudam as crianças e familiares (6,7 e 15) com necessidade de prestação de cuidados.

Curiosamente, a pequena agricultura praticada pela participante 11 é referida na literatura como sendo os homens a praticá-la enquanto efeito de compensação. Por outro lado, temos o exemplo de um participante (9) que ao invés de praticar a pequena agricultura referenciada no estudo de Araújo (2007), ajuda a sua esposa arrumando a casa.

Os cursos de formação são utilizados pelos participantes (4,8 e 12) para adquirir novos conhecimentos e competências numa tentativa de melhor se poderem inserir no mercado de trabalho como já foi visto anteriormente.

Considerando a nossa hipótese 5 é possível verificar que doze participantes recorrem a várias estratégias de procura de emprego (1,2,3,4,5,6,7,8,9,12,14 e 15), oito realizam trabalho informal (3,4,6,10,12,13,14 e 15) e treze recorrem a mediadores de compensação (1,2,3,4,5,6,7,8,9,10,11,12 e 15). De salientar que cinco destes participantes (3,4,6,12 e 15) recorrem a estas estratégias em simultâneo o que demonstra a necessidade destes participantes em compensar a perda de emprego através de várias estratégias.

## **CAPÍTULO IV**

---

## CONCLUSÕES E REFLEXÕES FINAIS

A presente investigação teve como objectivo caracterizar os tipos de *desemprego* e desempregado e compreender como é que o desempregado entende o seu percurso profissional. Tendo em conta que o *desemprego* continua a aumentar, considerou-se importante identificar quais os factores que exercem maior influência na situação de *desemprego* actual e/ou passadas do indivíduo.

Tendo em consideração estes objectivos, e recorrendo à literatura existente sobre o tema procurou-se compreender o percurso profissional dos participantes. Para isto procurou-se saber com que idade começaram o seu percurso profissional e os motivos por terem dado início à sua vida activa; procurou-se relacionar os sentimentos advindos da perda de emprego com as condições de trabalho que o participante tinha no seu antigo local de trabalho; pretendeu-se verificar se os aspectos mais valorizados no trabalho estariam relacionados com as consequências do *desemprego*; verificou-se, quais foram os motivos apresentados pelos participantes para a perda de emprego e as razões de mudança de emprego no decorrer do seu percurso profissional; procurou-se compreender os motivos apresentados pelos participantes para permanecerem na situação de *desemprego* e pretendeu-se identificar as estratégias utilizadas por estes no sentido de compensarem a experiência do *desemprego*. A recolha de dados foi realizada através da consulta de portefólios reflexivos dos participantes e da realização de uma entrevista semi-estruturada com cada participante de modo a recolher a informação necessária para dar resposta aos objectivos propostos.

Para os participantes do nosso estudo, o trabalho proporciona um salário; um ambiente propenso ao desenvolvimento de relações de amizade com colegas de trabalho; uma estruturação do tempo; a sensação de ocupar um lugar na sociedade; dá um sentido à vida; é fonte de identidade social e proporciona um meio de aprendizagem e aquisição de competências. A função económica do trabalho foi mais valorizada pelos participantes seguindo-se os aspectos sociais do trabalho à semelhança de outros estudos na situação de desemprego. A maior parte dos participantes recorreu à realização de actividades que lhes permitissem obter a subsistência económica e ocupar o tempo. Assim, foram identificadas actividades como o trabalho informal e os mediadores de compensação para reduzir os efeitos do *desemprego*.

De modo a apoiar a população que se encontra na situação de *desemprego*, o *Estado Social* proporciona a obtenção de um subsídio de *desemprego* por determinado período de tempo; proporciona programas ocupacionais que funcionam como verdadeiros empregos no sentido de reintegrar socialmente o indivíduo e proporciona ainda a possibilidade de realizar cursos de formação e a possibilidade de conclusão de um ciclo de estudos. Estas medidas mostram-se importantes na medida em que permitem ao indivíduo uma reaproximação a um meio socialmente favorável evitando, deste modo, consequências como o isolamento e a falta de relações sociais referidas pelos participantes.

A realidade com que os participantes do nosso estudo se deparam é o resultado de uma economia em constante transformação e de uma sociedade que não se encontra preparada para lidar com este tipo de crise. A maior parte dos participantes refere esta crise económica como a principal responsável pela sua situação de *desemprego*. Esta dura realidade está também relacionada com as dificuldades que os participantes têm em regressar ao mercado de trabalho. Estas dificuldades foram apontadas como sendo, maioritariamente, devidas a factores como à sua idade e às suas qualificações tal como Ribeiro & Coimbra (2004) referem no seu estudo. Parada & Coimbra (1999/2000) consideram que a sociedade do *pleno emprego* tende cada vez mais a assumir o estatuto de um mito. Este bem cada vez mais escasso nesta sociedade é cada vez mais reservado a um pequeno segmento da população, considerada privilegiada.

O presente estudo é sobretudo exploratório e, embora lhe sejam reconhecidas algumas limitações, prevalece a sua relevância teórico-prática. O contacto próximo com os participantes permitiu melhor compreender as suas experiências do *desemprego*. É essencial que investigações como esta continuem a ser realizadas e que explorem a realidade com que o desempregado se depara no seu dia-a-dia.

No que respeita à metodologia de recolha de dados, seria necessário proceder a algumas alterações na sua estrutura, nomeadamente na realização da entrevista: o conteúdo das questões poderia ter sido mais objectivo e específico em determinadas situações de modo a direccionar o discurso do participante para os objectivos pretendidos como a descrição do seu percurso profissional; outros aspectos foram pouco explorados, como por exemplo, o impacto da situação de *desemprego* nas relações sociais e familiares. O facto de se ter recorrido a centros de novas oportunidades para a recolha de dados justifica-se pela comodidade, segurança e fácil acesso para o investigador. Pelo facto de a amostra do nosso

estudo ter sido recolhida num CNO<sup>5</sup> verificou-se que os participantes recorreram a este centro por iniciativa própria como um meio de integração social e do mercado de trabalho. Tendo isto em conta, seria interessante numa futura investigação seleccionar uma amostra de participantes que não pretendessem regressar ao mercado de trabalho formal e compreender os motivos pelos quais não pretendem regressar a ele. Esta seria uma proposta interessante na medida em que, a realidade deste tipo de população pode ser diferente da realidade que encontramos na nossa amostra, nomeadamente, a forma como encara o trabalho e a sua perda.

---

<sup>5</sup> CNO – Centro de Novas Oportunidades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ahn, N., García, J. R., Jimeno, J. F., (2004). *The Impact of Unemployment on Individual Well-Being in the EU*. European Network of Economic Policy Research Institutes, 29, 1-19.
- Alves, M. N. & Oliveira, E. A. M., (2008). O efeito do Desemprego no Stress e Coping dos Professores do 2ºCiclo. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 9 (2), 335-347.
- Antunes, A., (2006). Análise Económica do Sector informal. Observatório do Emprego e Formação Profissional.
- Araújo, P., (2007). De dependentes da Estaco a dependentes do Estado: Desemprego de meia-idade e o Estado social como último reduto. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 78, 95-118.
- Archer, J. & Rhodes, V. (1993). Bereavement and reactions of job loss: A comparative review. *British Journal of Social Psychology*, 84, 395, 395-410.
- Arcoverde, A. C. B., (1998). *Desemprego de trabalhadores qualificados: Exclusão em tempos de Globalização*, comunicação apresentada no VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social, Brasília.
- Argolo, J. C. T. & Araújo, A. D. A., (2004). O Impacto do Desemprego sobre o Bem-Estar Psicológico dos Trabalhadores da Cidade de Natal. *Revista de Administração Contemporânea*. 8 (4), 161-182.
- Bragança, A., Silva, C., Coimbra, J., (2003). *O outro lado do Desemprego: consequências afectivas e emocionais*. IV Congresso Internacional de Formação Norte de Portugal/Galiza, 377-390.
- Cachapa, M. L., (2007), *Desemprego, qualidade de vida e stress: um estudo na região de Lisboa*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Caldana, A.C.F. & Figueiredo, M. A. C., (2002). *Desemprego e Subjectividade: Estratégias de Inclusão Social e Sobrevivência*. *Paidéia*, 12, 19-26.

- Caleiras, J., (2004). *Globalização, Trabalho e Desemprego: Trajectórias de Exclusão e Estratégias de Enfrentamento*. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Universidade de Coimbra.
- Castel, R. (2005). *As metamorfoses da questão social: uma crónica do salário*. (5ªEd.). Petrópolis: Editora Vozes.
- Duarte, A. M., (1998). Vivências de desemprego e transformação dos modos de vida dos operários mineiros. *Separata da Revista da Faculdade de Letras: Sociologia*, I Série, VIII, 247-317.
- Eisenberg, P. & Lazarsfeld, P. (1938). The psychological effects of unemployment, *Psychological Bulletin*, 35, 358-390.
- Furnham, A. (1994). The psychosocial consequences of youth unemployment, in A. C. Peterson & J. T. Mortimer (Eds), *Youth Unemployment and Society*, vol. I, (pp.199-223). Cambridge: University Press.
- Gomes, J. C. R., (2003). *Desemprego, Depressão e Sentido de Coerência: Uma visão do desemprego sob o prisma da saúde pública*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. pp. 40-52.
- Gonçalves, C. M., (2005). *Evoluções recentes do desemprego em Portugal*. Revista da Faculdade de Letras: Sociologia, 15, 125-164.
- Gonçalves, N. M. V., (2010). *A Economia Não Registada em Portugal*. Porto: Faculdade de Economia do Porto.
- Huitfeldt, H. & Jütting, J., (2009). Informality and Informal Employment. *Promoting Pro-Poor Growth: Employment – OECD*, 95 – 108.
- Huot, R. (1999). *Métodos Quantitativos Para as Ciências Humanas*. Lisboa. Instituto Piaget.
- INE., (2009). Regulamento (CEE) nº 2223/96 do Conselho, de 25-06-96 - JO L 310 de 30-11-1996; § 11.20.

- Isengard, B.(2003). Youth unemployment: Individual risk factors and institutional determinants. A case study of Germany and the United Kingdom. *Journal of Youth Studies*, 6, 357-376.
- Jahoda, M., (1981). Work, employment and unemployment. Values, theories and approaches in social research. *American Psychologist*, 36 (2), 184-191.
- Jahoda, M., (1982). *Employment and unemployment: a social-psychological analysis*. Cambridge: Cambridge University.
- Jesuino, B. M., (1989). *Desemprego e nível de instrução*. Lisboa: Ministério da Educação. Direcção-Geral de Extensão Educativa.
- Kaufman, G. H., (1982). *Professionals in search of work: Coping with the stress of job loss and underemployment*. New York: John Wiley & Sons.
- Killeen, J. (1996). The social context of guidance. In A.G. Watts, B. Law, J. Killeen, J.M., Kidd & M.R. Hawthorn (Eds.), *Rethinking careers education and guidance: Theory, policy and practice*, (pp. 3-22). New York: Routledge.
- Kokko K., Pulkkinen L. & Puustinen, M. (2000). Selection into long-term unemployment and its psychological consequences. *Internacional Journal of Behavior Development*, 24, 3, 310-320.
- Lages, M. F., (2001). *Desempregados Inscritos e Não-Inscritos nos Centros de Emprego: Características e Atitudes perante o Trabalho*. Lisboa: Direcção Geral do Emprego e Formação Profissional.
- Lima, M. P. et al., (2008). *Globalização e Relações Laborais: Análise dos sectores Têxtil, Automóvel, Bancário, Telecomunicações e Hotelaria e Restauração*. VI Congresso Português de Sociologia, 168.
- Loison, L., (2000), *Mecanismos compensatórios do desemprego em Portugal: família e redes sociais*, comunicação apresentada no IV Congresso Português de Sociologia, Coimbra.
- Marx, K. (1979). *O capital*. (5ªEd.). Lisboa: Edições 70.

- Matsuo, M., (2009). *Trabalho Informal e Desemprego: Desigualdades Sociais*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.
- Moura, C. F., Ribeiro, F. M. M., Krom, V., (2004). *Desemprego: O Impacto Psicológico do Desemprego na Vida Social*. VIII Encontro Americano de Iniciação Científica e IV Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba, 703-708.
- Noronha, G. E., (2003). “Informal”, Ilegal, Injusto: percepções do mercado de trabalho no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 18 (53), 111-129.
- Parada, F. & Coimbra, J. L. (1999/2000). Sentidos e significados do trabalho no contexto de uma realidade em transformação: o desemprego e as dificuldades de integração profissional dos jovens. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 15/16, 47-57.
- Pinheiro, L. R. S. & Monteiro, J. K., (2007). Refletindo sobre o desemprego e agravos à saúde mental. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 10 (2), 35-45.
- Portal do Cidadão: <http://www.portaldocidadao.pt> Consultado a 17-5-2011
- Ribeiro, M. A., (2007). *Psicose e desemprego: um paralelo entre experiências psicossociais de ruptura biográfica*. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 10, 75-91.
- Ribeiro, M. S. & Coimbra, L. J., (2004). *O desemprego na meia-idade*. V Congresso Internacional de Galicia e Norte de Portugal de Formación para o Trabalho, 213-230.
- Riegle, W. D. (1982). The psychological and social effects of unemployment. *American Psychologist*, 37 (10), 1113-1115.
- Salanova, M., Gracia, F. J., Preiró, J. M., (1996). *Significado del trabajo y valores laborales*. *Tratado del Psicología del Trabajo: Aspectos psicossociales del trabajo*, 2, 35-63.
- Sennet, R. (2006). *La cultura del nuevo capitalismo*. Barcelona: Editorial Anagrama.

Scopel, M. J., (2005). *Retorno ao Trabalho: Trajetória de Trabalhadores Metalúrgicos Portadores de LER/DOR*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio grande do Sul. pp. 104-110.

Stokes, G. & Cocharane, R. (1984). A study of the psychological effects of redundancy and unemployment. *Journal of Occupational Psychology*, 57, 309-322.

**ANEXOS**

---

---

**Anexo 1**

Autorização para consulta e recolha de dados do dossier RVCC dos  
participantes

O presente documento autoriza a estudante Márcia Isabel Pereira Oliveira do Mestrado Integrado em Psicologia a **consultar e recolher dados do dossier RVCC** realizado pelo participante no Centro de Novas Oportunidades de Alfena.

A consulta do dossier e recolha de dados faz parte de um estudo no âmbito de uma Tese de Mestrado no ramo de Psicologia das Organizações, Social e do Trabalho do Curso de Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Todos os dados recolhidos serão utilizados apenas para fins académicos e científicos (dissertação de Mestrado) sendo assegurada a confidencialidade dos dados recolhidos.

Agradeço a sua participação.

A Estudante

---

Eu **autorizo** a estudante Márcia Isabel Pereira Oliveira a consultar os dados do meu dossier RVCC realizado no Centro de Novas Oportunidades de Alfena

O Participante:

---

## **Anexo 2**

Distribuição da frequência e referências relativas absolutas dos participantes  
pelas categorias

**Quadro 1** – Distribuição da frequência e referências relativas absolutas dos participantes pelas diferentes categorias.

Nome da Categoria				Participantes	Referências
Categoria 1º Nível	Categoria 2º Nível	Categoria 3º Nível	Categoria 4º Nível		
Atitude perante o desemprego				15	133
	Atitude do sujeito perante a sua situação			13	29
	Estratégias usadas para encontrar emprego			11	16
	Modo como o sujeito percebe o futuro			12	16
	Motivação do sujeito para encontrar emprego			10	18
	Razões que levaram o sujeito a participar no programa RVCC			15	16
	Sentimentos associados à participação no RVCC			4	8
	Inscrição no Centro de Emprego			14	30
		Já foi chamado pelo Centro de Emprego		2	2
		Nunca foi chamado pelo Centro de Emprego		10	11

Dados Sócio-demográficos e Sócio-profissionais				15	173
	Agregado Familiar			15	18
	Ambiente familiar			14	17
	Apoios Sociais			15	15
	Comunidade em que o sujeito se insere			14	19
	Formação profissional			12	16
	Habitação			14	16
	Idade de ingresso no mercado de trabalho			15	15
	Motivos do desemprego			14	42
	Situação profissional do Cônjuge			14	15
Diferentes fases da vida activa e como foram vividas				15	221
	Diferentes fases da vida Activa			15	117
		Desemprego		15	26
		Emprego		15	91
	Razões das suas preferências relativamente ao trabalho			14	24
	Razões de mudança de emprego ou actividade			10	27

	Sentimentos relacionados			15	53
		Com um novo emprego		11	14
		Com a perda de um emprego		15	39
Dificuldades em arranjar Emprego				15	54
	Dificuldades vividas pelo sujeito para encontrar emprego			11	19
	Grupo de pessoas ou profissionais com dificuldade em arranjar um emprego segundo o sujeito			15	19
	Razões apresentadas pelo sujeito para essas dificuldades			14	16
Imagem da comunidade sobre o Desempregado				15	46
	Estereótipos ou Preconceitos			12	24
	Percepção da comunidade acerca dos desempregados			15	22
Relações Familiares e de Trabalho				15	64
	O papel da Família			15	20
	O papel dos Amigos			8	11

	O papel dos Ex-colegas de trabalho			15	34
Transformação dos modos de vida e consequências do Desemprego				15	114
	Como o sujeito reorganizou o seu tempo de vida			13	23
	Consequências do Desemprego a nível pessoal			14	26
	Mudanças que surgiram no padrão de vida do sujeito			7	9
	Realização de actividades que ajudem a passar o tempo			15	56
		Mediadores de compensação		10	18
		Trabalho Informal		9	20
		Programas Ocupacionais		14	18
			Conhecimento - Participação	12	16
			Desconhecimento	2	2
Vantagens e Desvantagens das diferentes fases de vida activa				15	53
	Desemprego			15	27
		Desvantagens de estar Desempregado		13	17

		Vantagens de estar Desempregado		10	10
	Emprego			15	26
		Desvantagens de ter um Emprego		9	10
		Vantagens de ter um Emprego		14	17

**Anexo 3**

---

Resumo dos dados sócio-demográficos dos participantes

**Quadro 2** – caracterização dos participantes segundo o estado civil, idade, qualificação, sexo e duração do desemprego

<b>Características</b>	<b>Valores das características</b>	<b>Participantes</b>
Estado Civil	Casado/a	Participante 1 Participante 2 Participante 3 Participante 4 Participante 5 Participante 6 Participante 7 Participante 9 Participante 10 Participante 11 Participante 12 Participante 13 Participante 14 Participante 15
	Divorciado/a	Participante 8
Idade do Desempregado	35 anos	Participante 2
	38 anos	Participante 10
	41 anos	Participante 6 Participante 13
	45 anos	Participante 8
	47 anos	Participante 5
	49 anos	Participante 12

		Participante 15
	50 anos	Participante 3 Participante 4 Participante 14
	51 anos	Participante 1
	54 anos	Participante 11
	56 anos	Participante 9
	59 anos	Participante 7
Qualificação do Desempregado	3º Ciclo do Ensino Básico	Participante 1 Participante 2 Participante 3 Participante 5 Participante 6 Participante 7 Participante 8 Participante 9 Participante 10 Participante 11 Participante 12 Participante 13 Participante 14 Participante 15
	Ensino Secundário	Participante 4
Sexo do Desempregado	Masculino	Participante 3

		Participante 5 Participante 9
	Feminino	Participante 1 Participante 2 Participante 4 Participante 6 Participante 7 Participante 8 Participante 10 Participante 11 Participante 12 Participante 13 Participante 14 Participante 15
Tempo de desemprego	1 mês < 6 meses	Participante 5
	1 ano < 2 anos	Participante 1 Participante 2
	2 anos < 3 anos	Participante 8
	3 anos < 4 anos	Participante 3 Participante 13
	4 anos < 5 anos	Participante 7 Participante 9
	5 anos < 6 anos	Participante 10
	Mais de 6 anos	Participante 4

		Partecipante 6 Partecipante 11 Partecipante 12 Partecipante 14 Partecipante 15
--	--	--

**Anexo 4**

---

Grelha geral do guião da Entrevista

**Quadro 3** – Grelha do guião da entrevista semi-estruturada

Objectivos	Instrumentos	Categorias	Questões	Informação a recolher
<p><b>Objectivo 1</b> Caracterizar os tipos de desemprego e desempregados</p>	<p>Dossier RVCC<sup>6</sup>  Entrevista</p>	<p>Dados sócio - demográficos e sócio - profissionais do participante</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Constituição do agregado familiar (nº de filhos, outros);</li> <li>- Situação profissional do conjugue;</li> <li>- Ambiente familiar (relações na família, boas, normais más);</li> <li>- Habitação (andar/moradia/ barraca, nº divisões);</li> <li>- Apoios sociais;</li> <li>- Idade de Ingresso no mercado de trabalho;</li> <li>- Comunidade em que o sujeito se insere (Instituições, amigos, rede de conhecimentos);</li> <li>- Formação profissional/escolaridade;</li> <li>- Idade do participante;</li> </ul>
	<p>Dossier RVCC  Entrevista</p>	<p>Diferentes fases de vida activa e como foram vividas</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fale-me do seu percurso profissional</li> <li>- Fale-me das razões pelas quais mudou de emprego</li> <li>- Fale-me dos seus sentimentos quando soube que iria ficar desempregado(a) e quando ficou</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Confirmar os dados do dossier;</li> <li>- Explorar as diferentes fases da vida activa (emprego e desemprego);</li> <li>- Razões de mudança de emprego;</li> <li>- Sentimentos associados a cada uma das fases;</li> </ul>

<sup>6</sup> Nota: Caso não seja possível recolher esta informação no primeiro momento, através da Entrevista será possível recolher a informação em falta.

<p><b>Objectivo 2</b> Descrever como o desempregado entende o seu percurso profissional</p>			<p>desempregado</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Sentiu que poderia ter feito algo de diferente ou de melhor nos seus antigos empregos? <ul style="list-style-type: none"> <li>• O quê?</li> </ul> </li> <li>- Fale-me dos seus sentimentos quando soube que arranjou um emprego?</li> <li>- Trabalhou sempre na mesma área profissional?</li> </ul> <p>Se não:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Qual o motivo por ter trabalhado em diferentes áreas profissionais?</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Fale-me da área profissional que mais gostaria de trabalhar <ul style="list-style-type: none"> <li>• Fale-me do porquê de gostar dessa área profissional.</li> </ul> </li> <li>- Como pensa que estará a sua situação profissional no próximo ano?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sentimentos relacionados com a perda de emprego;</li> <li>• Sentimentos relacionados com um novo emprego;</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer a(s) área(s) de trabalho do sujeito e as suas preferências <ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer as razões das suas preferências relativamente ao trabalho;</li> </ul> </li> </ul>
	<p>Dossier RVCC</p> <p>Entrevista</p>	<p>Transformação dos modos de vida e consequências do desemprego</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O que acha que mudou quando ficou desempregado(a)?</li> <li>- Fale-me das consequências que esta situação teve a nível pessoal</li> <li>- Fale-me do modo como organiza o seu tempo?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Consequências do desemprego ao nível pessoal</li> <li>- As mudanças que surgiram no padrão de vida do sujeito</li> <li>- Como o sujeito reorganiza o seu tempo de vida;</li> <li>- Se realiza algum tipo de actividade que o ajude a</li> </ul>

			<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fale-me das diferenças no modo como organiza o seu tempo relativamente ao modo como o organizava nos seus períodos de vida anteriores</li> <li>- Detém algum tipo de actividade recreativa?</li> <li>- Já frequentou algum Programa Ocupacional (POC's)? Se sim: Quais os Programas que frequentou</li> </ul>	ocupar o tempo
Dossier RVCC Entrevista	Vantagens e desvantagens das diferentes fases da vida activa	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Vantagens e desvantagens das diferentes fases de emprego</li> <li>- Vantagens e desvantagens das diferentes fases de desemprego</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreender as vantagens e desvantagens de ter um emprego para o sujeito;</li> <li>- Compreender as vantagens e desvantagens de estar desempregado para o sujeito;</li> </ul>	
Dossier RVCC Entrevista	Adversidades do mercado de trabalho	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fale-me dos motivos pelos quais ficou desempregado(a)</li> <li>- Quais pensa ser as razões de ainda não ter conseguido sair desta situação?</li> <li>- Diga-me quais são as dificuldades com que se depara para arranjar emprego</li> <li>- Fale-me de quais pensa ser as causas para uma taxa tão elevada de desemprego no nosso país</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Motivos do desemprego</li> <li>- Dificuldades vividas pelo sujeito para arranjar emprego;</li> </ul>	
Dossier RVCC	Imagem da comunidade	- O que pensa que as pessoas acham acerca dos desempregados	- Percepção da comunidade acerca dos desempregados de acordo com o sujeito;	

	Entrevista	sobre o desempregado	<p>- Conte-me o que pensa acerca dos estereótipos e preconceitos que possam existir na sociedade em relação aos desempregados.</p> <p>- Acha que em Portugal está a ser difícil a alguns grupos de pessoas ou de profissionais obter trabalho?</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Que grupos são esses?</li> <li>• Quais são no seu entender, as razões disso?</li> </ul>	<p>- Possível existência de estereótipos ou preconceitos da sociedade perante os desempregados;</p>
	Dossier RVCC Entrevista	Relações familiares e de trabalho	<p>- A sua família está a par da sua situação?</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Fale-me da reacção dos seus familiares e amigos quando souberam da sua situação de desemprego</li> <li>• Sentiu algum tipo de mudança nas relações familiares quando ficou desempregado?</li> </ul> <p>- Fale-me das relações que tinha no seu antigo local de trabalho</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Fale-me da importância que essas relações tinham na sua vida</li> <li>• Continua a manter essas relações?</li> </ul>	<p>- O papel da família;</p> <p>- O papel dos amigos;</p> <p>- O papel de ex-colegas de trabalho;</p>

			Considera que são importantes na sua situação de desemprego actual? De que modo?	
Dossier RVCC	Atitude perante o desemprego	Entrevista	<p>- Fale-me da sua motivação para encontrar um novo emprego</p> <p>- Fale-me do modo como encara o dia-a-dia? Tem mudado a forma como vive o seu dia-a-dia?</p> <p>- Que estratégias tem utilizado para arranjar emprego?</p> <p>- O que o/a levou a participar no programa RVCC?</p> <p>- Desistiu de encontrar emprego? Se sim:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Porque desistiu de encontrar emprego?</li> </ul> <p>- Encontra-se inscrito/a no Centro de Emprego?</p> <p>Se não:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Qual o motivo pelo qual não se encontra inscrito?</li> </ul> <p>- Já foi chamado/a alguma vez? Se sim:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Porque permanece na situação de desemprego?</li> </ul>	<p>- Motivação do sujeito para procurar emprego</p> <p>- Compreender o modo como o sujeito percepciona o futuro;</p> <p>- Estratégias utilizadas pelo sujeito para arranjar emprego;</p> <p>- Qual a atitude do próprio sujeito perante a sua situação;</p>

**Anexo 5**

---

Distribuição das experiências profissionais pelos participantes

**Tabela 1** – Distribuição dos participantes pelo nº de empregos

	<b>1 Emprego (3 participantes)</b>	<b>2 Empregos (3 participantes)</b>	<b>3 Empregos (4 participantes)</b>	<b>4 Empregos (1 participante)</b>	<b>5 Empregos (2 participantes)</b>	<b>6 Empregos (1 participante)</b>	<b>7 Empregos (1 participante)</b>
<b>P1</b>	1 emprego - Confecção						
<b>P2</b>		2 empregos - Confecção*					
<b>P3</b>							1 emprego - “Trolha”
							4 empregos - Marcenaria*
							1 emprego - Carpinteiro de limpo
							1 emprego - Carpinteiro de cofragem
<b>P4</b>	1 emprego - Limpeza						

<b>P5</b>						6-Metalomecânica*	
<b>P6</b>				3-Confeção*			
				1-Vendas			
<b>P7</b>			2 empregos - Secretariado*				
			1 emprego - Vendas				
<b>P8</b>		2 empregos - Distribuição de flores*					
<b>P9</b>					2 empregos - Serralheiro*		
					1 emprego - GNR		
					1 emprego - Baterias		
					2 empregos - Vendas*		
<b>P10</b>			2 empregos - Confeção*				

			1 emprego - Família de acolhimento				
<b>P11</b>					4 empregos - Confecção*		
					1 emprego - Restauração		
<b>P12</b>			3 empregos - Confecção*				
<b>P13</b>			2 empregos - Confecção*				
			1 emprego - Vendas				
<b>P14</b>	1 emprego - Confecção						
<b>P15</b>		2 empregos - Confecção*					

(\*) – Corresponde ao desempenho por parte do participante da mesma função em empresas diferentes